

**Organizadores**

Suelem Maquiné Rodrigues  
Cynthia Pinheiro Santiago  
Francisco Florêncio Batista Júnior

# IN LITERA INCLUSIVA



INSTITUTO FEDERAL  
Ceará







**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

**Ministro da Educação**

Camilo Sobreira de Santana



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - IFCE**

**Reitor**

José Wally Mendonça Menezes

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação**

Joélia Marques de Carvalho

**Pró-Reitora de Ensino**

Cristiane Borges Braga

**Pró-Reitora de Extensão**

Ana Cláudia Uchôa Araújo

**Pró-Reitor de Administração e Planejamento**

Reuber Saraiva de Santiago

**Pró-Reitor de Gestão de Pessoas**

Marcel Ribeiro Mendonça



**EDITORA IFCE**

**Editor Executivo**

Tiago Estevam Gonçalves

**CONSELHEIROS NATOS**

Ana Cláudia Uchoa Araújo

Cristiane Borges Braga

Joélia Marques de Carvalho

Sara Maria Peres de Moraes

Tiago Estevam Gonçalves (Presidente)

**CONSELHEIROS TITULARES**

Alisandra Cavalcante Fernandes de Almeida

Ana Cristina da Silva Moraes (in memoriam)

Anderson Ibsen Lopes de Souza

Anna Erika Ferreira Lima (in memoriam)

Antônio Cavalcante de Almeida

Antônio Wendel de Oliveira Rodrigues

Auzuir Ripardo de Alexandria

Barbara Suellen Ferreira Rodrigues

Beatriz Helena Peixoto Brandão

Cristiane Sousa da Silva

Francisco Régis Vieira Alves

Glauber Carvalho Nobre

Glendo de Freitas Guimarães

Iara Rafaela Gomes (UFC)

Igor de Moraes Paim

José Eranildo Teles do Nascimento

Keila Cristina Nicolau Mota

Leonardo Araújo da Costa (UFC)

Marcílio Costa Teixeira

Maria do Socorro de Assis Braun

Marieta Maria Martins Lauar

Marilene Barbosa Pinheiro

Nara Lidia Mendes Alencar

Rômulo Celly Lima Siqueira

Sandro César Silveira Jucá

Sarah Mesquita Lima

Wendel Alves de Medeiros



**Organizadores**

Suelem Maquiné Rodrigues  
Cynthia Pinheiro Santiago  
Francisco Florêncio Batista Júnior

# IN LITERA INCLUSIVA

Fortaleza-CE  
2023



INSTITUTO FEDERAL  
Ceará

**IN LITERA INCLUSIVA.**

Suelem Maquiné Rodrigues, Cynthia Pinheiro Santiago, Francisco Florêncio Batista Júnior(orgs.).

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PRPI  
Editora IFCE – EDIFCE

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

**EDITORA IFCE**

**Editor Executivo**

Tiago Estevam Gonçalves

**Editora Adjunta**

Sara Maria Peres de Moraes

**Revisão**

Marilene Barbosa Pinheiro

**Diagramação e Capa**

Editora SertãoCult



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará**  
**Editora IFCE - EDIFCE**

---

L776 In Litera inclusiva. / Organizadores: Suelem Maquiné Rodrigues, Cynthia Pinheiro Santiago e Francisco Florêncio Batista Júnior. --. Fortaleza: EDIFCE, 2023.

110 p. il. (Coleção extensão: trilhando e compartilhando caminhos, 5)

*E-book* no formato PDF 28.120 KB  
ISBN: 978-65-84792-05-0 (*e-book*)  
ISBN: 978-65-84792-06-7 (impresso)  
DOI: 10.21439/EDIFCE.38

1. Educação especial. 2. Inclusão social. 3. Literatura. I. Rodrigues, Suelem Maquiné (org.). II. Santiago, Cynthia Pinheiro (org.). III. Batista Júnior, Francisco Florêncio (org.). IV. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (EDIFCE). V. Título. CDD 371.9

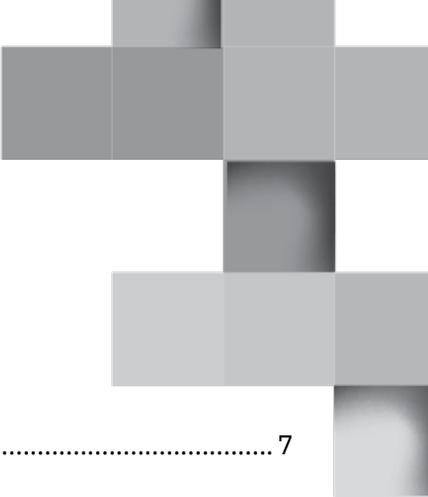
---

**Bibliotecária responsável: Sara Maria Peres de Moraes CRB Nº 3/901**



**Contato**

Rua Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426.  
Fone: (85)34012263 / E-mail: edifce@ifce.edu.br / Site: editora.ifce.edu.br.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
PREFÁCIO .....	11
<b>1 ABAYOMI: AS CORES DO AMOR</b> .....	<b>13</b>
<i>Adão Lopes da Fonseca</i> <i>Ana Paula Lima de Sousa</i>	
<b>2 O RENASCIMENTO DA CIGARRA E DA FORMIGA</b> .....	<b>19</b>
<i>Ana Kélvia Alves de Araújo</i> <i>Edna Alves Muniz</i> <i>Maria Aline da Silva Martins</i>	
<b>3 O NASCIMENTO DA LENDA DO UIRAPURU</b> .....	<b>25</b>
<i>Maria Inês Carvalho Oliveira Maria</i> <i>Jéssica dos Santos Pedrosa Moreira</i>	
<b>4 O DESAFIO DA ONÇA E DO RAI0</b> .....	<b>29</b>
<i>Isamara Souza de Oliveira</i> <i>José Douglas Nobre da Silva</i>	
<b>5 APERTE O LAÇO</b> .....	<b>35</b>
<i>Suelem Maquiné Rodrigues</i> <i>Amanda da Silva Madeira</i>	
<b>6 APRENDENDO A AMAR</b> .....	<b>41</b>
<i>Rejane Mendes de Souza</i>	
<b>7 APOENA: AQUELA QUE ENXERGAVA LONGE</b> .....	<b>47</b>
<i>Francisca Vitória Melo Gurjão</i> <i>Maria Vitória da Silva Rodrigues</i>	

<b>8 AS PERIPÉCIAS DE PEDRO .....</b>	<b>55</b>
<i>Ítalo Viana Fontenele Magalhães</i>	
<i>José Wellington de Oliveira Sousa</i>	
<b>9 AVENTURAS DE MARIA NO MUNDO DE OZ .....</b>	<b>67</b>
<i>Gerlania dos Santos Acácio Romão</i>	
<i>Emiliana Siqueira Carvalho</i>	
<b>10 BRUNA, A RAPOSA ARTISTA .....</b>	<b>75</b>
<i>Maria Poliana Mendes Ribeiro</i>	
<b>11 O EXTRAORDINÁRIO DUCK .....</b>	<b>81</b>
<i>Dijailson Alves Galeno</i>	
<i>Marcelino Ribeiro de Sousa Neto</i>	
<i>Maria Marcelina de Sousa Ferreira</i>	
<b>12 O LEÃO E O RATINHO CEGO .....</b>	<b>87</b>
<i>Antônia Letícia da Silva</i>	
<i>João Lucas Santos da Silva</i>	
<b>13 VALENTINA .....</b>	<b>93</b>
<i>Ana Rafaela Araújo da Costa</i>	
<i>Cezarina Santos da Silva</i>	
<b>14 Organizadores .....</b>	<b>107</b>



## APRESENTAÇÃO

A literatura é uma das formas de comunicação que possui legítimo ato discursivo com forte representatividade. Os textos que compõem o livro *In Litera Inclusiva* resultaram das discussões e reflexões geradas durante a disciplina de Literatura Comparada, no curso de Letras Português – Inglês, campus Tianguá. Dessa forma, ampliamos a escrita autoral dos alunos, após estudos comparativos que dialogam com culturas e contextos histórico-sociais diversos. Assim, partimos para escrever narrativas.

Em algumas foi utilizada uma obra-fonte como inspiração, trilhando o caminho da ressignificação de signos linguísticos que contemplam minorias historicamente omitidas com suas histórias e representações. Nesse exercício, originaram-se muitas escritas. Dentre elas, foram selecionados 13 textos que apresentamos a seguir.

O livro inicia com uma referência à literatura africana através do conto “Abayomi: as cores do amor”. Abayomi é um tipo de boneca que faz parte da cultura africana. Nesse texto, a boneca representa o resgate da alegria das crianças capturadas em situação de escravidão no navio negreiro.

No segundo conto, podemos imergir em uma fábula fascinante que torna sensível a importância das pessoas idosas na nossa sociedade, em “O renascimento da cigarra e da formiga”.

O fantástico nos visita com “O nascimento da lenda do Uirapuru”, ícone do folclore brasileiro, sendo representado pela inocência

e pureza da indiazinha Anahí, que possui baixa visão. Já em “O desafio da onça e do raio” somos levados a refletir sobre a importância de dominar o medo e a soberba, sentimentos tão inerentes aos seres humanos.

Em “Aperte o laço”, é abordada a temática dos laços de amor que vão muito além dos laços sanguíneos, fortalecendo, cada vez mais, a ideia de amor próprio nas crianças. “Aprendendo a amar” evoca a efemeridade da vida e a verdadeira aceitação fraternal. Em mais uma ressignificação de signos, visitamos “Apoena, aquela que enxergava longe”. Esse texto possui um belo entrelaçamento com a literatura oral do Brasil, realçando a beleza da amizade infantil. Do clássico Pinóquio surgiu a inspiração para “As peripécias de Pedro”, um enlace fascinante entre um clássico e uma adaptação com uma escrita fluida e repleta de traços inclusivos.

As “Aventuras de Maria no mundo de Oz” narra as fantásticas aventuras de Maria no mundo da fantasia e da inclusão. A narrativa traz belas reflexões sobre a nossa existência humana, tão fascinante, mas também tão incompleta.

Na fábula “Bruna, a raposa artista” é apresentado o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) que é um distúrbio psiquiátrico de ansiedade. Porém, quando a comunidade da raposa passou por um grande desastre, Bruna superou seus medos e ajudou a todos utilizando seu grande talento de artista.

O “Extraordinário Duck” é um belíssimo texto que narra a história de um homem que passa por vários momentos de negação e sofrimento por conta da deficiência física que apresenta. Com o passar dos anos, acolhido numa instituição, foi capaz de ressignificar suas dores e passou a ajudar outras pessoas com problemas semelhantes, lutando por uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva.

Já em “O leão e o ratinho cego” nos aventuramos na savana. Quando o leão fica preso, o ratinho o salva, ensinando-lhe uma lição de humildade e igualdade, mostrando que tamanho não determina importância.

Em “Valentina” temos contato com a personagem enfrentando preconceitos após a morte da mãe e que encontra apoio em Gael. Ambos, juntos, combatem estigmas, promovem inclusão e ajudam pessoas diante das mesmas problemáticas, vivendo uma história de superação e amor.

Desejamos uma leitura prazerosa dos textos. Aqui está um pequeno passo rumo à representatividade de minorias. Caminhe conosco para os próximos!

*Suelem Maquiné Rodrigues*  
*Organizadora*





## PREFÁCIO

Pensar a inclusão social é pensar em práticas, conceitos e necessidades que permeiam o indivíduo e a sociedade. É pensar na história, no que já foi feito, nas nossas ações e vivências, e, também, no que podemos fazer para tornar o mundo mais acessível e inclusivo para todos.

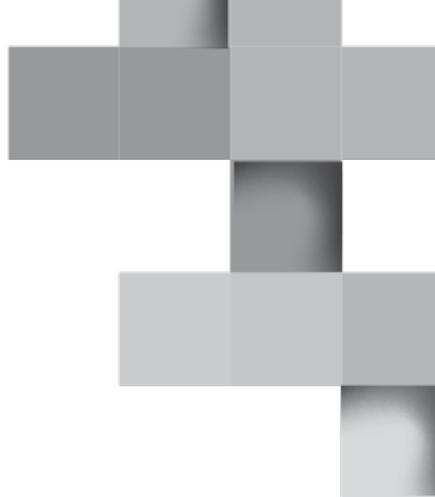
Neste livro, encontramos histórias, relatos, vivências, estudos e percepções de situações cotidianas sobre a pluralidade social traduzidos em prosa, contos, fábulas ou lendas, oriundos de um trabalho pensado a partir da Literatura Comparada. Textos que denunciam e expõem, enquanto, em sua trama, relatam aspectos sociais cotidianos.

Questões sociais trazidas pelo racismo estrutural iniciam o livro e são tratadas em histórias que refletem vivências indígena e negra nos aspectos físicos, emocionais, relacionais e culturais.

As obras literárias presentes neste livro abordam também obstáculos e preconceitos vivenciados por pessoas com deficiência, sejam em histórias criadas ou adaptações de literaturas existentes. Estes escritos apresentam dificuldades da vivência cotidiana de pessoas com deficiência visual, deficiência física e surdocegueira. No entanto, também apresentam formas adaptativas e possibilidades de inclusão para a participação na vida social. Assim, sob a alegoria da literatura, levantam a necessidade de se pensar e repensar a diversidade social, pois trazem à reflexão os comportamentos e pensamentos próprios de uma sociedade que ainda tem muito a caminhar em prol da inclusão.

Boa leitura!  
*Hivi de Castro Sperandio*





## **ABAYOMI: AS CORES DO AMOR**

*Adão Lopes da Fonseca  
Ana Paula Lima de Sousa*

Esta história aconteceu há muitos anos, e ela nos mostra como um simples gesto, nascido do amor, pode mudar a vida de alguém.

Aduke era uma garotinha de pele negra como a noite sem luar, olhos marcantes, bem redondinhos e brilhantes como as estrelas, cabelo enroladinho, mais enrolado que caracol. Seu nome é de origem Iorubá e significa “muito amada”. Aduke vivia com sua família e amigos em uma vasta aldeia na África, um lugar maravilhoso, onde se pode encontrar árvores magníficas como o Baobá, uma árvore com um tronco marrom bem longo, um pouco áspero e bastante grosso; com galhos espalhados bem no topo, ela é coberta de folhas verdinhas e com flores brancas como as nuvens. Entretanto, ao final da floração, o cheiro dessas flores é muito desagradável; cheiro que irrita e faz o nariz torcer.

Uma das coisas que Aduke mais gostava de fazer era brincar com os amigos. Eles brincavam de queimada, pulavam corda, balança-

vam, e, sempre que podiam, aproveitavam para admirar a natureza. Ficavam quietinhos na savana, sentados, sentindo o vento fresco bater em seus rostos e refrescar os seus corpos, enquanto observavam de longe animais incríveis como as girafas, bem amarelinhas, cheias de pintas e com seus longos pescoços; zebras, com suas listras pretas intercaladas com as listras brancas; elefantes bem gordos, com suas barrigas enormes e trombas longas; e os leões vaidosos com suas jубas e pelagens cor de laranja, abrindo suas grandes bocas repletas de dentes afiados, emitindo um rugido estrondoso de fazer qualquer um se arrepiar; além de muitos outros animais selvagens. A vida na tribo era encantadora, todos eram muito felizes. Aduke era tão feliz que se divertia até nos sonhos. Mesmo dormindo, dava cada gargalhada!

Mas, infelizmente, naquela manhã, a vida de toda a tribo iria mudar. Homens desconhecidos chegaram à aldeia. Eles usavam roupas esquisitas, com cores feias; gritavam palavras estranhas e ameaçavam todos que ali moravam. Adultos e crianças foram capturados e levados como prisioneiros em um grande e velho barco, chamado navio, sujo e fétido, com pouco espaço e sem alimento suficiente para todos.

Ao serem aprisionadas, essas pessoas passavam a ser chamadas de escravos. E os grandes barcos que eram usados para transportá-las para outros lugares, ficaram conhecidos pelo nome de “navios negreiros”. O cheiro nesses navios era tão ruim que parecia o mesmo cheiro das flores do baobá, só que muito pior!

No meio do mar, sem nenhum sinal de terra firme por perto, as pessoas da tribo de Aduke estavam assustadas — no escuro, com muito medo, não compreendiam o que estava acontecendo e não sabiam para onde iriam ser levados. O medo, a fome, o cansaço foram maltratando a todos ali presentes. Até mesmo os dias de sol pareciam estar envoltos em nuvens carregadas e a alegria foi dando lugar à tristeza.

Imani, mãe de Aduke, ficou com o coração partido ao perceber que o brilho nos olhos de sua filha tão amada estava se esvaindo. Mesmo arrasada, ela se encheu de força e coragem, e estava decidida a encontrar uma maneira de ver novamente um lindo sorriso no rosto de sua pequena. Com retalhos de tecidos de cores alegres e brilhantes, como vermelho, azul, amarelo e verde, Imani deu vários nós e fez uma linda boneca, macia como algodão. Parecia mágica de tão bela que tinha ficado. A boneca recebeu o nome de Abayomi, que significa “aquele que traz felicidade”. Confiante que Abayomi iria trazer felicidade para sua filha, Imani a colocou no porão do navio, pois ali era o lugar onde Aduke dormia. E, em seguida, com o coração cheio de fé e esperança, ela suplicou:

— Abayomi! Abayomi! Por favor, Abayomi, faz o meu anjo sorrir!

Foi então que o desejo de uma mãe amorosa foi atendido.

Ao amanhecer, Aduke encontrou a boneca, e tudo em volta ficou mais colorido; não havia no navio quem não se encantasse com seu belo sorriso, que irradiava como os raios quentes do sol, e aquecia o coração de todos à sua volta.

Percebendo a alegria de Aduke ao receber sua Abayomi, uma mulher que também estava no navio quis então fazer o mesmo para alegrar sua filha que se chamava Niara.

Niara era uma menina cega, de pele negra, assim como Aduke, de cabelo também encaracolado, porém mais curto que o de Aduke. Ela estava bastante triste, pois, desde que havia sido capturada, não podia mais sentir o calor das tardes de sol, os ventos frescos da manhã e nem ouvir os animais da savana. Não tinha mais o contato com a natureza, que ela tanto adorava! Ficava agora só, em um canto do navio, deitada no chão, sem ânimo para fazer nada.

A mãe de Niara, vendo a filha nessa situação, resolveu conversar com Imani, para que ela a ensinasse a fazer uma linda Abayomi para presentear a sua filha e vê-la tão feliz quanto Aduke.

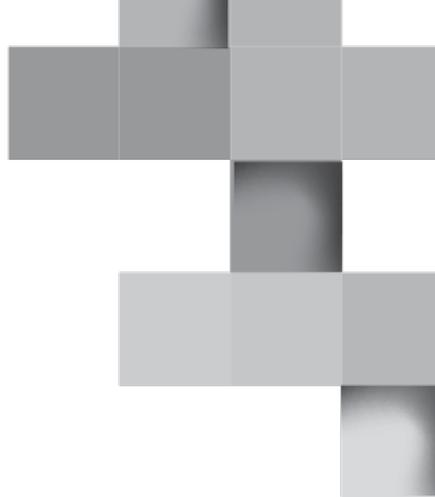
Imani, comovida com a situação, prontamente se dispôs a ensinar a produzir a boneca. Ela sugeriu que a mãe de Niara utilizasse cores alegres e vibrantes, então a mãe resolveu utilizar as cores preferidas da garota: amarelo e laranja. Em instantes, a Abayomi de Niara estava pronta.

Após agradecer à Imani pela ajuda, a mãe de Niara foi ao encontro da filha. Assim que recebeu a boneca, ela ficou extremamente contente com o presente. Niara ficou tão feliz que pediu à mãe para que lhe ensinasse a fazer Abayomis! Sua mãe sabia que a filha tinha o dom de fazer coisas manualmente, e achou a oportunidade perfeita para desenvolver ainda mais esse dom. Niara se sentiu muito feliz por poder colocar seu dom em prática, mesmo em meio a um momento tão difícil, e ainda mais sabendo que, ao produzir bonecas, também alegraria as suas outras amigas que estavam na mesma situação que ela.

E foi assim que uma simples boneca, nascida do amor, trouxe coragem, ternura, vigor; fez ressurgir sonhos; restaurou o brilho dos olhares e resgatou sorrisos.







## O RENASCIMENTO DA CIGARRA E DA FORMIGA

*Ana Kélvia Alves de Araújo  
Edna Alves Muniz  
Maria Aline da Silva Martins*

Em um belo dia, Dona Vera estava dando uma volta pelos arredores da praça da cidade, aproveitando aquele momento para contemplar as belas árvores e flores que deixavam aquele lugar ainda mais lindo, demonstrando muita satisfação e felicidade. De repente, avista Dona Amália, sua conhecida de infância e grande amiga, a qual não via há muito tempo.

Logo ao primeiro olhar, percebeu que Dona Amália estava diferente; naquele momento, estava ocupada usando seu celular como se estivesse resolvendo algo muito sério. Reparou também em seus trajes, estava bem arrumada, como se viesse de algum lugar.

Não demorou muito para que Dona Amália notasse a presença da sua velha amiga de infância, que se aproximava. Ficou muito feliz com esse reencontro, e decidiu cumprimentar sua amiga:

— Que maravilha reencontrar você, Vera! Diga-me: como estão as coisas?

— Olá, Amália! Não esperava lhe encontrar por aqui. Normalmente, todas as tardes eu gosto de dar uma voltinha pela praça, já que à tarde não tenho muitos afazeres domésticos, e foi uma surpresa lhe reencontrar! Estou bem, e você?

— O destino nos reserva muitas surpresas, não é mesmo, minha amiga!? Estou um pouco cansada; agora há pouco, estava resolvendo umas coisas do meu trabalho.

— TRABALHO? Como assim? Já estamos na idade, minha amiga, não precisamos trabalhar!

— Querida, gosto de trabalhar, de me sentir útil; não fico satisfeita em apenas cuidar das coisas do lar. Realmente, no quesito financeiro, não precisaria trabalhar, mas o trabalho me alegrou a vida e assim quero continuar.

— Mas você não precisa, o negócio agora é descansar! Já trabalhamos muito, o melhor agora é parar.

E Dona Amália continua:

— Se posso lhe dar um conselho, você deveria conseguir um trabalho também, Dona Vera, assim ocuparia a mente e não ficaria ociosa durante o período da tarde.

— Mas Amália, como conseguir trabalho na minha idade? É muito difícil e eu nem me ocupo em procurar.

— Se você procurar, vai encontrar. Pois bem, Vera, foi muito bom reencontrá-la, mas preciso ir, tenho muitas questões para resolver no meu trabalho.

As duas amigas se despediram e cada uma foi para seu lado: Dona Amália para o trabalho, e Dona Vera para casa, porém muito pensativa, pois aquilo que sua velha amiga lhe disse a deixou inquieta.

Alguns dias se passaram, e a vida de Dona Vera continuava com a mesma rotina, porém, quando já estava se preparando para dar mais uma voltinha pela praça, percebeu que o tempo começou a esfriar, indicando chuva. Parou, observou e pensou:

“Melhor ficar em casa hoje, pois é arriscado eu pegar um resfriado!”

Como não era seu costume ficar em casa, decidiu procurar algo para fazer, e remexendo em suas gavetas, encontrou um velho álbum de fotos, que estava um pouco empoeirado. Lá, havia registros da época de seu trabalho como professora.

Aquelas fotos lhe trouxeram boas recordações, pois a fizeram se lembrar das boas vivências que tinha quando trabalhava, das amizades que construiu, assim como dos momentos divertidos que a faziam se sentir bem.

No outro dia, refletindo sobre o que sua amiga lhe falou, percebeu que as recordações reavivaram uma nova esperança, e decidiu novamente trabalhar. Porém, não queria apenas dar aulas como já tinha feito em sua juventude; queria algo diferente que pudesse ajudar as pessoas próximas a ela.

Foi então que teve uma grande ideia: decidiu fazer um curso de braille, para poder dar aulas a crianças cegas, em sua própria casa, montando sua própria escolinha para cegos e que se chamaria “A cigarra e a formiga”.

A vontade de ajudar algumas crianças do bairro foi a motivação que Dona Vera precisava para dar início a essa nova etapa em sua vida. Dia após dia, ela se encantava mais ainda pela possibilidade de ensinar crianças cegas a ler e, assim, descobririam a maravilha que o universo dos livros proporciona.

Seu coração palpitava de alegria quando fazia os planos de cada detalhe da sua escola, de como faria para receber e acolher as crianças em seu espaço, assim como desejava deixar o local muito acolhedor.

A notícia logo se espalhou pelo bairro, e todos ficaram surpresos com essa novidade, pois os vizinhos conheciam Dona Vera, e sabiam que ela era uma excelente professora, e que iria fazer um excelente trabalho.

O espaço reservado para as aulas ficou lindo e acolhedor. O ambiente era todo sinalizado com placas em braile, indicando porta, banheiro, rampas, além do piso tátil, que permitia uma boa locomoção de seus alunos. O local era bem arejado e foi pensado e estruturado com muito carinho por Dona Vera e algumas pessoas da comunidade.

Em uma tarde quente de domingo, Dona Vera acaba reencontrando Dona Amália novamente:

— Estava mesmo querendo lhe ver, Amália! Gostaria de compartilhar com você uma grande novidade: graças à conversa que tivemos anteriormente, me acendeu uma vontade de voltar a ensinar. Foi então que fiz um curso de braile para dar aulas a crianças cegas de minha comunidade. Estou muito feliz!! E assim, Dona Vera percebeu o quanto estava perdendo tempo, e que nunca é tarde para se reinventar e voltar a trabalhar. Percebeu o quanto Dona Amália estava certa em continuar trabalhando e fazendo algo de que gosta. Com isso, as duas aprenderam que não se deve ficar acomodada na mesmice; sempre é possível ser útil e colocar nossas habilidades a serviço dos outros, fazendo o bem com aquilo que sabemos fazer melhor.





# 3

## O NASCIMENTO DA LENDA DO UIRAPURU

*Maria Inês Carvalho Oliveira Maria  
Jéssica dos Santos Pedrosa Moreira*

São muitas as lendas que contam a história dessa ave de canto tão deslumbrante e que alegra os ares da nossa belíssima Floresta Amazônica, mas aqui, contarei a você a história de Anahí e Niara, que, por um infeliz destino, ousaram se apaixonar pelo mesmo homem, Porã.

Anahí era uma jovem e bela índia. Sua pele era lustrosa assim como seus belos cabelos, e, quando ela cantava, toda a tribo parava para escutar. A indiazinha não enxergava nada bem, mas não se achava em seu olhar menos que a perfeição. Possuía um brilho intenso e encantava qualquer um que a encarasse. Mesmo não podendo ver nitidamente as expressões daqueles rostos, sabia que era motivo de admiração. Seus ouvidos eram apurados como nenhum outro! Ela era capaz de perceber e distinguir cada som, cada canto que havia naquelas matas; nada passava despercebido por ela!

Niara também era muito bela e tinha longos cabelos negros que brilhavam sob a luz do sol. Além de sua beleza, a jovem Niara era

muito boa com arco e flecha; desde criança, brincava com as armas e, com o passar do tempo, tornou-se a mais habilidosa da tribo.

As duas moças sempre cultivaram uma linda amizade. Niara sabia das limitações dos olhos de Anahí, mas isso só as aproximou ao longo da vida, afinal, quando Anahí precisava de ajuda, era Niara quem lhe estendia a mão. As duas compartilhavam tudo, segredos, alegrias e tristezas; tanto que um dia, mesmo sem querer, acabaram compartilhando a mesma paixão por Porã.

Porã era o índio mais forte e bonito da aldeia. Ele tinha a pele morena, era alto, cabelos negros como a noite e olhos da cor de mel. Desde pequeno, sua força e habilidades o faziam se destacar de todos os outros; era um guerreiro nato, o que também contribuía para ser o índio mais cobiçado da aldeia. O problema era: o que Porã tinha de cobiçado, tinha de indeciso. Ele sabia que todas as índias de sua tribo gostariam de se casar com ele, mas Niara e Anahí eram as suas prediletas e ele não conseguia decidir qual das moças escolheria.

Vivendo nesse impasse, Porã pede ajuda ao cacique da tribo para ajudá-lo a escolher sua futura esposa. O cacique então decide fazer uma competição com as índias: quem primeiro trouxesse uma ave ao chefe se tornaria a esposa do jovem Porã.

Anahí ficou muito preocupada quando recebeu a notícia, pois ela sabia que sua visão dificultaria a disputa com Niara. Tudo que ela via eram imagens desfocadas, como névoa. Com certeza enxergava melhor com os olhos do coração. A indiazinha, mesmo com todas essas inquietações, decidiu ir em frente e pediu ajuda a Tupã para que ele a guiasse.

A notícia da competição logo se espalhou pela tribo e, no dia seguinte, todos estavam em frente à oca do cacique aguardando a disputa começar.

As duas adentraram a mata ao mesmo tempo, concentradas na tarefa. Anahí já conhecia cada canto da floresta e tudo o que ela pre-

cisava era fazer o que sabia de melhor: escutar. Ela parou. Ouviu o balançar das folhas nas copas das árvores, o riacho, os galhos secos no chão quebrando a cada passo que ela dava e, de repente... um canto, vários cantos! Provavelmente era um ninho cheio de passarinhos! Estava tão próximo! Anahí foi seguindo o som e viu que estava certa, era mesmo um ninho! Pegou uma das aves e voltou às pressas para a tribo.

Chegando lá, a indiazinha notou muito barulho, era uma comemoração e só então percebeu que Niara voltara antes dela e tomara Porã por esposo.

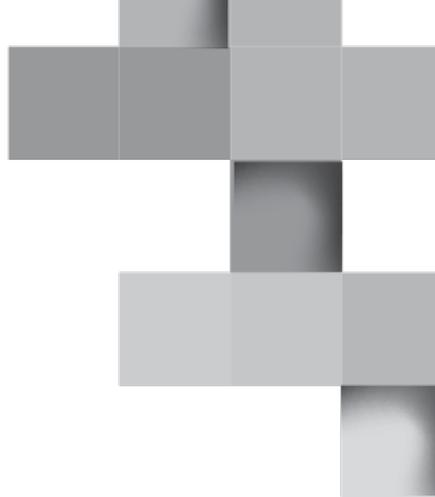
Anahí entristeceu-se profundamente e fugiu da aldeia. Buscou na mata um refúgio para seu desalento. Todos os dias chorava a perda de seu amado e lamentava não poder ver o mundo como os demais.

Tupã, vendo-a sofrer daquela maneira, apiedou-se dela.

— Tu não vêes com os olhos, vêes com a alma, além de teres a voz mais bela que já soou por essas matas! Farei com que teu lamento se transforme na mais doce melodia. Serás a ave do canto mais belo que já existiu na floresta!

Anahí tornou-se, assim, o Uirapuru, um pássaro pequenino e de cores vibrantes que hoje encanta todos os ouvidos que param para apreciá-lo.





## O DESAFIO DA ONÇA E DO RAIOS

*Isamara Souza de Oliveira  
José Douglas Nobre da Silva*

Você sabe por que as onças têm medo de raios e tempestades? Não? Os índios taulipangs, um povo que habita o extremo norte do Brasil, têm uma ótima história para explicar isso.

Para os seres visuais, a floresta pode até ser uma explosão de cores e formas que despertam a curiosidade. Mas, para os que não são, a floresta é uma festa de sons, cheiros, sabores e texturas com alta intensidade. Îaguareté Inotonó, a onça cega, conhecia bem todos eles: o canto estridente das araras; o chacoalhar das águas do rio; o coaxar das jias; o cheiro doce das frutas no pé; o almíscar das antas e dos porcos do mato. Sabia reconhecer o toque das folhas, os caminhos pela mata.

No entanto, certo dia, muito tempo atrás, Îaguareté passeava cuidadosamente pela mata, prestando atenção a todos os sons e cheiros, quando escutou o som de batidas em madeira e uma voz estridente que dizia:

— Ah, esse porrete vai ficar ótimo! Imagine o que eu posso fazer com ele! Era Adjeine, o Raio, que fazia um porrete de madeira.

Îaguaretê Intonó não reconhecia aquela voz, pois nunca a ouvira em terra e, por isso, imaginou que se tratava de algum animal distraído. Então, começou a pisar mais macio que o habitual, procurando reconhecer onde estava o bicho e, depois de dar a volta, sem ser vista, pulou na direção do som, rugindo bem alto: ghhh!!!!

No entanto, depois do pulo, o responsável pela voz escapou veloz sem sofrer um só arranhão. Îaguaretê, desapontada e curiosa, perguntou:

— Quem é você? Ghhh!

— Sou Adjeine, o Raio, não vedes? — Indagou a voz. Mas, a Onça só ouviu um farfalhar agudo e estridente que vinha do Raio e se intensificava quando ele falava.

— Não seja tonto! Não percebes que não enxergo? Mas isso não diminui minha força — disse a Onça confiante e orgulhosa. — E tu? És forte?

O Raio era forte. Entretanto, não gostava de gabar-se por causa disso. Então mentiu:

— Não, não sou nada forte!

Depois de escutar isso, a Onça encheu o peito de ar e, com uma voz muito grave, disse, quase rugindo:

— Pois eu sou o animal mais forte e temido destas matas! Quando estou enfurecida, não sobra nada intacto no meu caminho!

Logo depois, para demonstrar o quão grande era a sua força, a onça subiu numa árvore enorme e começou a destruí-la, quebrando um por um dos galhos que faziam crack-crack-crack e caíam ao chão

e em cima de Adjeine, o Raio. Em seguida, desceu para o solo e começou a escavá-lo, atirando para cima tufos de terra e mato e levantando poeira na direção de Raio. Ela não parou até estar tudo revirado como se um tatu desgovernado tivesse passado por ali.

Terminando sua apresentação, disse a onça com a voz ainda ofegante:

— Muito bem, o que achou disso?

Îaguareté Intonó, a Onça, não sabia, mas o Raio também não enxergava muito bem, pois tinha baixa visão e é por isso que ele nunca acerta o mesmo lugar mais de uma vez.

Então, o Raio escutou, mas não disse nada, resignando-se ao silêncio.

— Vamos, aposto que não consegues chegar nem perto do que eu consigo fazer — desafiou a Onça!

O Raio já furioso ainda resistiu. Essa seria a última chance para Îaguaretê. Bradou:

— Como poderia, se não tenho a tua força, que mesmo a cegueira não te impede?

Logo após a confissão do Raio, a Onça foi ainda mais impulsionada por sua soberba! Entregou-se a mais uma demonstração de força, revolvendo tudo outra vez até ter aberto uma clareira na parte da mata onde estavam. Agora ela sentia o sol da tarde arder em seu couro amarelo e a quentura parecia lhe dar mais forças.

Enquanto a onça sorria, contente pelo que fizera, o Raio finalmente tomou uma atitude movido por sua fúria. Tomou o porrete ainda inacabado e o bateu com tanta força, mas tanta força que todo o chão tremeu. Cabuum! No mesmo instante, um som ensurdecido reverberou por toda a mata. A onça cambaleou de um lado para o outro

atordoada. Mas não parou por aí. Logo em seguida, uma verdadeira tempestade tomou conta de toda a mata. O tempo esfriou de repente. Uma forte ventania balançava os bigodes da onça com ferocidade e derrubava as folhas das árvores. Vuuuuu!! Além disso, trovões retumbavam no céu como o porrete do Raio no chão, o que tornava tudo ainda mais sério, a ponto de a onça achar que o mundo se acabaria! Quando a tempestade finalmente se acalmou um pouco, a Onça mal encontrou forças para pôr-se novamente em pé e ir correndo esconder-se atrás de uma grande rocha que conhecia ali perto.

Mas o Raio não parou por aí. Não estava satisfeito. Quando achou a Onça, uma mancha amarela acocorada à beira de uma grande pedra, lançou contra ela uma chuva de fagulhas barulhentas e tão velozes que a pobre coitada não teve tempo de esquivar-se. As fagulhas atingiram em cheio o rabo da Onça que, com um grito, ghhh!!, deu o pulo mais alto de toda a história, pois queimou a ponta das orelhas no próprio Sol e depois caiu lá em cima, em uma castanheira muito alta.

Então a Onça desceu da árvore mais rápido que o próprio Raio e pôs-se a fugir a toda velocidade! Correndo sem rumo e sem se preocupar em bater nos galhos e nos troncos das árvores, a Onça se machucava mais e fazia muito barulho enquanto corria.

Ainda assim, o Raio seguia o borrão laranja barulhento pela floresta. Ele continuava a bater com seu porrete no chão e jogando as fagulhas de eletricidade contra a Onça. Dessa forma, a bichana viu-se obrigada a se esconder em uma toca de tatu que encontrou por acaso.

Parecia que tudo era em vão: Adjeine saiu à procura da cova do tatu e, com o olfato apurado, ele a encontrou pelo cheiro de pelo queimado; acertou em cheio, outra vez, os fundilhos da onça. Parecia que não tinha jeito: onde a Onça se escondia, o Raio a encontrava!

A Onça tentou mais uma vez fugir com o pelo ainda mais chamuscado. Mas, coincidentemente, naquele momento, começou a soprar

um vento muito frio e a cair uma chuva mais fria ainda, o que trouxe alívio de imediato para suas queimaduras. Mas a Onça já estava quase sem pelo algum e quase morreu congelada. Tek, tek, tek, tek, seus dentes grandes batiam!!

Quando a chuva, o vento e os trovões cessaram, a Onça, quase desfalecida, gritou sem saber para onde falar, pois os golpes vinham de todos os lados e a voz do Raio ecoava de todos os cantos da floresta:

— Me deixa em paz! Não vêes que ganhou?

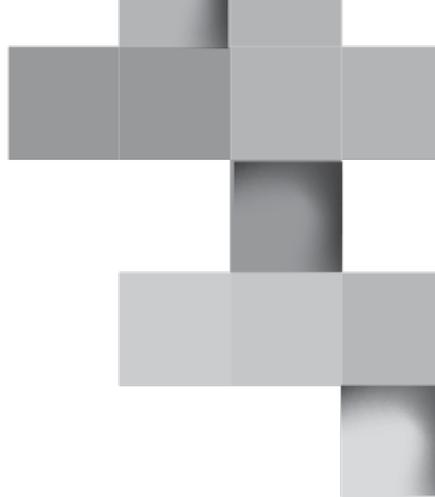
Somente quando viu a rival declarando-se vencida foi que o Raio a deixou em paz. Orgulhoso por ter ganhado, fez questão de enfatizar:

— E agora, diz quem é o mais forte por aqui!

Îaguareté Intonó não respondeu, mas o Raio se deu por satisfeito. Então ela fugiu e fez questão de contar a todas as onças o ocorrido, advertindo para que todas as onças tomassem cuidado, pois o Raio poderia querer provar seu poder novamente. E essa é a razão de todas as onças fugirem para suas tocas quando escutam o estalido dos raios e o estrondar dos trovões; ao sentirem o vento forte e gélido das tempestades. Os seres visuais dizem ainda que as marcas das queimaduras de Îaguareté Intonó foram espalhadas por todas as onças, nas suas pintas, para que todas se lembrem de que o Raio pode ainda estar à espreita, furioso.



# 5



## APERTE O LAÇO

*Suelem Maquiné Rodrigues  
Amanda da Silva Madeira*

Estava arrumando a fita vermelha de cambraia no cabelo da menina, quando ouviu a seguinte pergunta:

— De onde eu venho?

— Como assim?

— Quero saber de onde eu venho! A manga vem da árvore, o gato da mamãe da gata, tudo vem de algum lugar. E eu? De onde vim?

A mulher fingiu não entender a pergunta e caprichou no pente, tamanho nervosismo, com todas as forças no cabelo da criança. Não se sentia preparada para responder a pergunta. A pausa proposital foi o suficiente para o grito da menina:

— Mãeeeeeeeeeee, de onde eu saí? — Na pressa das palavras não ditas, a sábia mulher falou:

— Da nossa vontade. Da nossa vontade de ter você aqui!

Então, após um lento e fundo respirar, a mulher começou a narrar:

— Nem tudo tem um lugar concreto de nascer. Nem tudo nasce de uma árvore, de um bicho ou de uma pessoa. Muitas coisas nascem da força do que sentimos, pensamos e desejamos. Desde criança, eu desejei pentear uma menininha como você! Eu desejava que ela tivesse um sorriso assim de timidez misturada com alegria. Desejei pentear os cabelos da cor de mel e olhar nesses olhos de pitanga meio madura. E a menina estava cada vez mais encantada descobrindo sua origem.

— Mãe, eu nasci do seu desejo?

— Sim, do meu mais profundo desejo de amar! E tudo que desejamos com muito amor se torna realidade.

A menina estava maravilhada, tinha aprendido que tinha dentro de si uma enorme força com uma potência gigantesca de tornar tudo o que deseja em realidade!

De repente, se pegou desejando muitas coisas boas. Ela tomou consciência da força interior e do desejo. E teve uma curiosidade:

— Mãe, o sol nasce por que alguém deseja que ele nasça? Todo dia alguém deseja que o sol nasça?

A mãe sorriu. Ela viu que não seria tão fácil! De agora em diante, teria de responder muitas perguntas, a menina era de uma curiosidade atrevida!

— Minha filha, nem tudo! E, para isso, precisamos aprender a aceitar as coisas que são sem o nosso desejo! Um dia, vai acontecer algo que você não desejou e você precisará aceitar. Pode ser algo muito bom ou ruim. Mas a maneira como você recebe isso deve ser uma decisão sua, nunca dos outros. Dentro de você sempre estará a decisão sobre o desejo!

Passados alguns meses, era tempo de a menina ir para escola. A esperta menina preparou todo o material com a família; tudo estava muito bonito e cheiroso. Eles não eram ricos, mas tinham consciência

do valor e do poder da educação. Ansiosa, a garota foi a primeira a chegar à escola.

Destacou-se de imediato durante as aulas; estava sempre em busca de aprender, era empática e respeitosa. Mas aos bons, o mal também se levanta.

Numa certa manhã de brincadeiras, todos precisavam compartilhar seus brinquedos com os colegas. Durante a roda de brinquedos, uma das crianças negou-se a entregar o brinquedo para a menina de fitas vermelhas e falou:

— Não vou lhe dar meu brinquedo! Minha mãe disse que você é adotada. Crianças adotadas vieram do lixo!

Naquele momento, a menina ficou bem pequena. Seus olhos diminuíram e se encheram de água. Uma dor indescritível invadiu seu coração de criança; ela chorava muito e correu para falar com a professora. A mestra chamou os pais da garotinha, que estava inconsolável. As lágrimas ao rosto vieram com a força das águas de março.

A mãe da menina chegou rapidamente e estava profundamente indignada. Mas o mais importante era acolher a pequena que tinha se deparado com os olhos da maldade pela primeira vez. Sabiamente, a mãe chegou até a menina e disse:

— Você está chorando por que aquela menina malvada disse que você veio do lixo? Minha pequena, lembra que eu disse a você que você nasceu do meu desejo de amar? Então deixa eu afirmar uma coisa: nada pode ser mais forte do que a nossa crença no amor! Se eu disse isso e você acreditou, nunca mais dê ouvidos ao mal! Às vezes, a maldade humana aparece para desafiar o que há de melhor em nós. E é nessas horas que devemos acreditar na força do amor. Sim, você é adotiva, mas isso é muito pequeno diante do que somos como família! Adoção é algo dos homens, já o amor é divino!

Talvez aquele episódio tenha levado a menina a amadurecer e deslocar-se do mundo infantil. Mas ela estava mais forte e convicta de suas origens. Naquela tarde, a mãe entregou um pequeno quadro à filha com os seguintes dizeres: «Quando as raízes são fortes, não há ventos que as derrubem». Prendeu com muita força o laço vermelho e falou:

O laço foi amarrado por mim, mas a responsabilidade de sempre mantê-lo firme é sua! Assim será seu amor próprio, sempre que ele ameaçar se desfazer, aperte o laço!

E a menina falou com convicção: — Vou apertar o laço!!





# 6

## APRENDENDO A AMAR

*Rejane Mendes de Souza*

Catrina era filha única até então, portanto nunca precisou dividir nada com ninguém; desde que nasceu, só fazia o que lhe dava na telha e seus pais normalmente não a repreendiam, só pensavam em trabalho o tempo todo! Diante de tal cenário, imagine o quão difícil foi para a garotinha receber a notícia de que teria um irmão! Só pensar em ter que partilhar algo com um desconhecido ainda por nascer fazia Catrina bufar de raiva.

— Não quero nem olhar pra ele quando chegar do hospital! — Gritava ela enquanto esperneava dentro de seu quarto!

O bebê Jhonatan Jones, por sua vez, tornou-se o xodó da casa desde o momento em que pôs a cara no mundo; conquistava a todos com sua simpatia e balbucios. Catrina se fez de difícil por alguns dias, mas, por fim, a curiosidade a venceu e, durante uma tarde tediosa, ela deu o braço a torcer e foi até o berço do irmão. Entrou de mansinho no quarto e enfiou as mãos entre as grades do berço; desejava sentir a textura da pele do garotinho. A menina ficou surpresa quando a

pequena mãozinha apertou seu dedo. Mais confiante, agora ela tenta enfiar o rosto entre as grades e puxar a mão do irmão até o seu nariz para sentir o seu cheiro. A garotinha teve a grata surpresa de saber que, de alguma forma, a mãozinha macia do irmão cheira a chocolate e isso fez com que ela o olhasse com bons olhos.

— Ok, talvez eu goste um pouco de você agora — Catrina sussurra para o recém-nascido, que a olha com curiosidade.

Esqueci de acrescentar, caro leitor, que Catrina tinha três anos e foi diagnosticada com Transtorno de Espectro Autista (TEA) de grau leve aos dois aninhos e meio. Dona Raimunda, avó e responsável pela educação da neta enquanto os pais dela trabalham no dia-a-dia, observou como a neta, apesar de ser precoce na fala e ter ótima coordenação motora, muitas vezes não respondia quando falavam com ela e costumava se isolar de todos, com uma estranha facilidade. Além disso, era muitas vezes demasiadamente redundante para sua idade quando queria expressar alguma opinião. Logo, foi a avó quem levou Catrina para um psicólogo, que, após algumas conversas com a família, chegou ao diagnóstico.

Os pais de Catrina passaram a ser mais presentes e aceitaram a realidade da filha, pois o médico lhes disse o quanto isso seria importante no desenvolvimento da menina. No geral, a garotinha conseguiu se superar bastante; foi alfabetizada na idade considerada certa e era muito carismática ao falar. O que ninguém além dela mesma sabia era que nunca tinha sido fácil fazer amigos. Na verdade, o problema era um pouco mais sério: Catrina até socializava razoavelmente, porém tinha muita dificuldade em criar vínculos verdadeiros e fortes, amar de forma propriamente dita.

No geral, era bem egocêntrica, e o fato de não amar quase ninguém não a incomodou até chegar à adolescência. Somente aos quin-

ze anos percebeu que não era como os outros. Apesar de saber que tinha autismo, por ser mulher e ter grau leve, soube se adaptar melhor no mundo, sempre camuflando seus tiques.

O relacionamento com o irmão mais novo melhorou bastante, desde então, e o fato de descobrirem, no terceiro ano de vida de Jonathan Jones, que ele tinha uma doença degenerativa chamada síndrome de Duchenne, mudou a vida de toda a família para sempre, afinal Jonathan passou por uma bateria de exames e descobriram que sua doença era tão rara que ainda nem tinha tratamento disponível! Para piorar, os médicos avisaram que o garoto provavelmente só viveria até os 15 anos. Depois do triste diagnóstico, Catrina mudou; passou a olhar diferente para o irmão, desejava aproveitar ao máximo sua companhia, pois não sabia ao certo quando ele iria partir.

Em uma de suas tardes juntos, os irmãos assistiam televisão, quando, de repente, Catrina olha para o irmão e sorri, antes de constatar algo por si mesma:

— Você diz que eu tenho mau gosto para programas de televisão, mas agora está amando assistir Doctor Who! — A jovem aponta empolgada, e fica surpresa ao perceber o quão bom é dividir momentos tão simples com o seu irmão.

O garoto só sorri para a irmã e continua a assistir concentrado. Enquanto isso, ela se pega pensando em como Jonathan estava sempre feliz e sorridente, mesmo sendo cadeirante desde os seis anos! Era realmente admirável como ele diariamente se mostrava satisfeito com a vida! Catrina, no entanto, muitas vezes se pegava triste e reclamando da vida e até mesmo com inveja do otimismo de Jonathan, sendo que ela tinha tudo que o irmão mais desejava: um corpo saudável.

Meditar a respeito de coisas tão simples como poder caminhar, brincar e ser independente diariamente a fazia aprender a amar mais

o irmão dia após dia, pois via que, apesar de tantas limitações físicas, o jovem garoto nunca deu o braço a torcer, e seguiu vivendo de cabeça erguida. Mesmo sem se dar conta do processo, já amava mais o caçula até do que aos pais e a ela mesma. Costumava chegar da escola e dar um longo e apertado abraço em Jonathan; tornou-se um hábito, na verdade; sua admiração por ele aumentava mais a cada vez que observava como, apesar da doença estar se agravando e seu corpo definhando por fora, a mente dele continuava sã e cada vez mais madura.

Anos se passaram e, faltando um mês para os quinze anos do jovem mais corajoso que Catrina já havia conhecido, Jonathan veio a óbito depois de passar sete dias internado. No enterro a enlutada irmã mais velha se recusou a ver o irmão mais novo pela última vez. Queria guardar na memória a imagem de um garoto sorridente e amável.

E se hoje em dia Catrina se permite amar e ser amada, é porque um dia teve a oportunidade de conviver com um professor que ensinou, na prática, como é gostar da vida, mesmo quando ela não lhe sorri, e acreditar sempre que, apesar dos pesares, tudo tem um propósito. O dele foi ensinar, e o dela, aprender. Se pudesse, ela teria dado a vida por ele, e, por muitas vezes, ela desejou fazer essa troca, mas agora ela cresceu e segue lutando na esperança de também ensinar amor para os outros que, assim como ela, têm essa dificuldade.





# 7

## **APOENA: AQUELA QUE ENXERGAVA LONGE**

*Francisca Vitória Melo Gurjão  
Maria Vitória da Silva Rodrigues*

Era uma vez uma jovem índia chamada Apoena (aquela que enxergava longe). Ela vivia em uma aldeia afastada da civilização, dentro de uma reserva indígena, com seu pai, o cacique Coaraci, um homem tão grande e estridente como o Sol que está em seu nome. Coaraci tornou-se viúvo quando sua Apoena era apenas um bebê e, desde então, não mais encontrara outra companheira para ajudar a cuidar de sua família.

Pensando que sua filha estava prestes a se tornar uma mulher e que precisava dos cuidados de uma nova mãe, Coaraci cogitou casar-se novamente. O lugar onde morava era constantemente visitado por pesquisadores devido à grande quantidade de flora e fauna características daquele lugar; e, de tanto receberem visitas de turistas e cientistas, formou-se um pequeno povoado de brancos ao lado da reserva, os quais constantemente faziam contato com os nativos. Em

uma dessas visitas, o homem conheceu Maria Clara, uma jovem anciã que também era viúva e estudava o Jequitibá, uma planta de tronco alto, e cuja mais rara espécie só se encontrava nas terras de Coaraci.

Maria Clara foi uma das fundadoras do povoado de brancos que se formou próximo à reserva. Tinha um filho, chamado Arthur, de seu primeiro casamento. O garotinho era deficiente visual desde o seu nascimento e, por esse motivo, era superprotegido pela mãe, que o tratava como inválido e tinha medo que se machucasse. Para manter o filho sempre próximo a ela, providenciou algumas conveniências que atendessem às suas necessidades, como uma escola adaptada para que Arthur pudesse estudar.

O garoto era muito bonito e esperto. Ele gostava muito do lugar, era bastante curioso e pedia constantemente para acompanhar sua mãe nas suas pesquisas, mas ela tinha medo que ele se machucasse e tentava proteger Arthur de todo jeito.

Até que um dia, Maria Clara se rendeu e levou o filho. Em uma dessas, conheceu Apoena, a jovem filha de Coaraci. Ela estava no alto do Jequitibá que Maria Clara estava analisando. A interação entre os jovens foi instantânea e logo ficaram muito próximos.

Como o garoto não podia sair sozinho, Apoena ia visitá-lo depois da sua aula. Ficavam horas e horas conversando sobre as paisagens do lugar. A indiazinha descrevia em detalhes todo o cenário da floresta, suas cores e belezas. Levava seus bichinhos para que Arthur pudesse sentir a sua textura. Levava também as mais variadas frutas para que seu amiguinho as experimentasse.

Apoena e Arthur viviam sempre juntos. A menina levava também todas as folhas das árvores mais cheirosas para que ele sentisse seu cheirinho. Essa era a parte de que ele mais gostava. Davam nomes esquisitos para elas e se divertiam à beça. Em menos de um mês, os

dois já conheciam o mundo um do outro. Sem que soubessem, uma paixão genuína crescia entre eles.

Não tardou para que Maria Clara, a mãe de Arthur, observasse o comportamento do filho e a proximidade entre ele e a indiazinha. Quando saía do trabalho, ia direto buscá-lo e não gostava nada quando os dois estavam passeando de mãos dadas perto de um pequeno lago de águas cristalinas e quentinhas que havia ali. Cansada de reclamar com os garotos, Maria Clara, que não estava gostando nada daquela situação, pediu remoção e estava prestes a abrir mão do cargo, quando recebeu um grande incentivo em dinheiro, pois muitas empresas estavam interessadas em sua pesquisa.

Sabendo que não podia recusar, Maria Clara resolveu ficar, mas proibiu que Arthur se encontrasse com Apoena. Falou até mesmo com a professora para que não deixasse a menina entrar na sala de aula; e assim a moça fazia sempre que a garota se aproximava da escola. O menino ficou estarecido, pois já não passava um dia sem que estivesse na companhia da jovem índia. Ele não podia aceitar! Mesmo assim, passou alguns dias sem a visita da indiazinha e só lhe restava a pequena peteca de penas macias e coloridas com a qual sua amiguinha lhe tinha presenteado.

Passaram-se alguns dias até que Apoena achou que teria perdido seu amor. A professora de Arthur dizia que o menino havia faltado à aula e não permitia que a menina passasse pela calçada.

Já no povoado, para comemorar a promoção de Maria Clara, os outros pesquisadores organizaram uma festa. Todos por ali sabiam da grande comemoração que aconteceria naquela noite.

Apoena, ao ouvir os fogos que vinham do povoado, alegrou-se por achar que o garoto estaria entre aquelas pessoas. No entanto, o pai já tinha alertado que ela não deveria ir até o povoado. Ele não confiava

naqueles homens brancos que não respeitavam o silêncio da floresta. Ela sabia, portanto, que, se fosse até o encontro de Arthur, seria contra a vontade de seu pai e, imaginando que aquilo poderia ser obra de Maria Clara, precisava tomar cuidado para não ser vista. Ela se entristeceu, pois era aquilo de que tinha mais orgulho: sua identidade; carregar toda a beleza da floresta em suas vestes.

Aproximava-se do fim do dia e Apoena ainda não tinha conseguido pensar em algo que a ajudasse a ir ao encontro de Arthur sem correr o risco de ser vista por seu pai e pela mãe do garoto. O som que vinha do povoado era tão forte que a menina o sentia na ponta de seus pés e em seu peito. As horas estavam passando e a índia via-se sem saída.

Até que, naquele mesmo momento, surge Rudá, o deus do amor, dizendo:

— Não fique triste, doce menina, estou aqui para ajudá-la!

Naquele momento, Rudá ergueu os braços em forma de cruz, estalou os dedos e, de repente, Apoena estava vestida com as mais belas cores que nem a própria menina tinha visto em nenhuma asa de borboleta ou pétala de flor. Era um vestido lindo, feito com os algodões mais macios dali e, para que não se esquecesse dos ornamentos que fazem dela a mais linda índia da floresta, usou uma belíssima tornozeleira feita com as mais coloridas plumas encontradas na floresta. Em seus cabelos, as flores embelezavam as ondas que escorriam pelos ombros, e o seu perfume era o mais doce que já sentiram...!

Sob a proteção de Rudá, Apoena estava pronta para ir ao encontro de seu amado.

Ao chegar à festa, Apoena atraiu todos os olhares. As pessoas se perguntavam quem era aquela moça tão linda, e até o som da banda foi abafado pelos burburinhos!

Arthur escutava aqueles cochichos e perguntou para um amigo que estava ao seu lado o que estava acontecendo. O menino descreveu a mais bela mulher que já tinha visto.

Curioso com aquela situação, Arthur pediu que o amigo o conduzisse até a moça. Assim fizeram e Apoena, que já tinha avistado o rapaz, foi também ao seu encontro. Ao se aproximarem, o perfume que exalava de Apoena invadiu os sentidos de Arthur como se aquela fragrância o fizesse enxergar toda a beleza que a adornava. Já sabia que era Apoena e seu coração começou a bater em um ritmo frenético, de acordo com as batidas daquela canção que ouviam.

A música soava nos ouvidos dos dois jovens como uma cantiga de pássaros, fazendo desaparecer tudo à volta e abrindo espaço apenas àquele sentimento interior que unia as duas almas. Naquele momento, nada mais importava!

Apoena tinha tanto para dizer, mas ficou quieta e apenas curtiu o momento! Arthur também ficou emudecido com aquele perfume que vinha da moça. Era o de uma famosa flor da região, a dama-da-noite; como seu próprio nome indica, é uma flor com um perfume singular que intensifica seu perfume e desabrocha quando escurece para mostrar o seu brilho. Aquele cheiro lhe era familiar, e logo lembrou do fim de tarde, próximo ao lago, onde passeava com Apoena e colhia a dama-da-noite para colocar atrás de sua orelha. Aquele momento foi mágico!!

Tudo estava lindo!! A noite estava quente, a música agradável e o casalzinho dançando era a principal atração da festa. No entanto, o relógio já batia meia-noite e Apoena tinha que voltar para casa nesse horário, segundo Rudá, para que seu pai não desconfiasse de sua ausência e fosse procurar a filha no povoado.

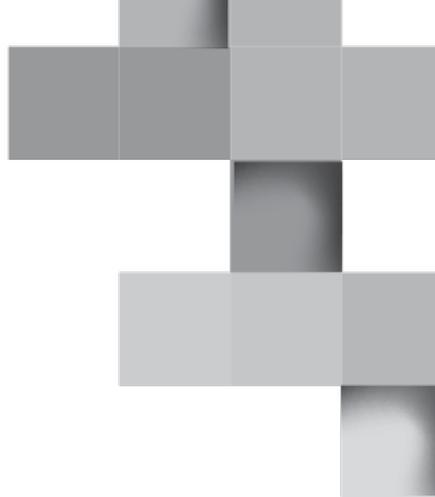
Apoena rompe o silêncio e avisa a Arthur que precisa ir embora. O menino pediu a ela que esperasse mais um pouco, mas a jovem não podia, pois precisava estar em casa como combinado.

Arthur pediu ao menos para levá-la até a entrada da floresta sob a supervisão do amigo e assim fizeram. Os dois conversaram, trocaram carícias e segredos. Maria Clara, que observava a alegria do filho como há muito não via, permitiu que os dois conversassem. Apoena já sabia do que se tratava, mas nem isso foi capaz de estragar o momento que estavam vivendo.

Apoena foi embora e conseguiu chegar antes que o pai sentisse sua falta. No dia seguinte, recebeu a visita de Arthur e de sua mãe. Arthur estava disposto a oficializar o namoro e, quem sabe, já pedir a moça em casamento. Coaraci ficou assustado, mas conhecia sua filha como ninguém e percebeu que a paixão tomava conta do peito deles. Aceitou, assim, a união dos dois. Por fim, Arthur, completamente apaixonado, mudou-se para as terras de Coaraci com as bênçãos de Rudá, e eles viveram felizes para sempre.







## AS PERIPÉCIAS DE PEDRO

*Ítalo Viana Fontenele Magalhães  
José Wellington de Oliveira Sousa*

Gabriel era um homem de idade, muito gentil. Conversava com todos em sua vila e os ajudava. Via com alegria as crianças brincando e correndo pelas ruas. Daqueles homens que amam a vida, ele era muito habilidoso e trabalhava todos os dias em sua carpintaria. Apesar de estar sempre ocupado, sentia-se solitário, já que sonhava em ter um filho para lhe ensinar o ofício de carpinteiro.

Um certo dia, a fim de não continuar sozinho, Gabriel decidiu fazer um boneco de madeira. No entanto, não seria um simples boneco; seria uma criação muito especial e já era tarde quando exclamou:

— Terminado! Ficou magnífico! Mas, não sei que nome lhe pôr!

Ele ficou pensando alguns instantes até que encontrou um nome que se encaixaria perfeitamente em sua criação.

— Ele se chamará Pedro. Sim, Pedro é um belo nome!

Pedro, mesmo sendo um simples boneco, enchia os olhos do bom homem de alegria durante suas tardes de trabalho na oficina. Contu-

do, os dias foram passando e Gabriel voltou a se sentir solitário. Pedro era um boneco e não podia interagir com seu inventor.

— Ah! Como eu queria ter a sorte de conversar e brincar com você, Pedro! — Exclamou o bom homem.

O velho entristecia-se. Sonhava todas as noites com a possibilidade de acordar um dia e ouvir a voz de Pedro.

Certa noite, enquanto Gabriel dormia, uma linda Fada Azul, cheia de lantejoulas em seu vestido de cetim e com uma varinha reluzente na mão, entrou na casa e realizou o grande sonho do pobre homem, que era bondoso e de bom coração.

— Pirimplimlim! — Disse a Fada.

E, por um cintilante encanto, Pedro então começou a piscar os olhos, a mexer a boca, a cabeça, os braços... Com o encantamento da Fadinha, tudo mudaria na vida do carpinteiro. Pedro ganhara vida!

Mas havia um porém: Pedro não mexia bem uma das pernas.

Mesmo sendo muito engenhoso, Gabriel não se deu conta disto: ao construir seu companheiro, uma parte da madeira usada para fazer Pedro estava com pequenas deformações.

Por tanto desejar que Pedro pudesse falar e andar, e, ainda sem saber do que acontecera durante a noite, Gabriel acordou pela manhã, no dia seguinte, estranhamente alegre, com uma enorme sensação de felicidade.

O dia estava ensolarado, com poucas nuvens e com uma brisa agradável. Alguns feixes de luz atravessavam as frestas da janela e iluminavam a casa. As andorinhas cantavam animadamente nas árvores. O vento que batia nas folhas não era o mesmo; soava como o som de uma flauta que, misturado ao som dos passarinhos, formava uma melodia de paz e tranquilidade na vila.

De repente, Gabriel ouviu vozes e perguntou:

— Quem está aí?

— Sou eu, papai, o Pedro! — Disse o boneco que ganhara vida.

Gabriel não conseguia acreditar no que vira e no que escutara. Pedro ganhara vida.

— Oh, Pedro, meu filho...!! — Falou o carpinteiro.

Gabriel coçou os olhos algumas vezes, parecia não acreditar no que via. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Os dois se olharam estupefatos por alguns instantes.

— Não acredito que meu desejo se realizou!— Disse Gabriel aos pulos!

— Foi a Fadinha Azul, papai! Ela viu que você estava triste e nos ajudou! — Exclamou o garoto.

Gabriel ficou muito feliz porque seu filho criara vida, mas percebeu, naquele momento, que ele não se locomovia bem por conta de uma deformação na madeira na parte de sua perna esquerda:

— Eu deveria ter analisado melhor a madeira que usei para construir Pedro. Por conta desse meu descuido ele poderá sofrer com olhares e comentários maldosos. O que eu posso fazer para proteger meu filho disso? — Continuou ele.

Após pensar um bocado e procurar em sua oficina algum recurso que pudesse ajudar seu filho, eis, então, que Gabriel teve uma ideia:

— É isso! Criarei uma prótese especial para Pedrinho! Mas ela deve ser construída com um material muito resistente e feita especialmente para ele.

Com tal ideia, Gabriel esperava, além de trazer a alegria em fazer seu filho caminhar e correr como as demais crianças da vila, que o pequeno não fosse motivo de zombarias na vila por não se movimentar bem.

Os dias se passaram e ambos se divertiam muito. E, aproveitando a curiosidade e um pouco de desobediência do menino, o carpinteiro resolveu, então, colocá-lo na escola da vila, pois, para ele, o contato com outras crianças poderia ajudá-lo a socializar melhor. Contudo, ele estava receoso sobre isso, já que Pedro poderia sofrer com brincadeiras insensíveis por ter movimentação reduzida, mesmo com a prótese.

— Meu filho, eu sei que as pessoas podem ser malvadas, mas eu preciso que você me escute. Você vai para a escola da vila! Lá você fará muitos amiguinhos e vai poder brincar com eles sem que haja distinção por você ser como é! Preciso que você me prometa que irá para a escola não somente para brincar, mas também para aprender. Não converse com estranhos e, o mais importante, não faça nada imprudente. — Disse Gabriel.

— Sim, papai, eu te prometo! Eu não farei coisas que possam me prejudicar. — Respondeu Pedro.

Passados alguns dias...

Mesmo usando a prótese que o pai construía, por ter deslocamento reduzido, Pedro ainda sofria bastante na escola por falta de adequação à sua deficiência. Não conseguia se deslocar apropriadamente pelos corredores, nem ir ao pátio sozinho ou acompanhar aos amigos correndo e pulando; muito menos conseguia brincar como gostaria com eles e isso o angustiava. Além disso, ele também era ridicularizado por alguns colegas da escola, conhecidos por suas brincadeiras travessas e de mau gosto.

Nos corredores da escola o garoto sempre ouvia cochichos:

— Olhe aquele menino, hihhi (risos abafados)! — Ele tem uma perna que não é de verdade!

— Sim!!! E parece que ele vai cair a todo momento! — Caçoava outro.

Pedro não ligava muito, mas todos aqueles cochichos sobre ele o entristecia.

Um certo dia, quando Pedro ia à escola, sua prótese ficou presa em uma ponte que passava por cima de um rio. Ele tentou puxá-la, mas não conseguiu. Dois meninos, Joãozinho e Leleco, acompanharam Pedro e o interrogaram:

— Para onde você vai, menino?— Falou o garoto ruivo, chamado Joãozinho.

— É, para onde você vai? — Repetiu o Leleco.

— Estou indo para a escola. — Disse Pedro.

Pedro despreendeu a prótese e seguiu os meninos. Os três continuaram a caminho da escola e logo o Joãozinho voltou a falar:

— A escola é muito chata e lá você não vai conseguir brincar...!!

— E você sabe que é por conta da... da sua perna! — Completou Leleco.

— Há muitos lugares interessantes na vila. Não quer conhecer, menino? Garantimos que você não precisará se preocupar com sua perna! — Disse o ruivinho, com sorriso desafiador.

Como tudo era novidade para Pedro, ele parou por um instante e, maravilhado, pensou sobre o que eles disseram. Por ser um pouco curioso e desobediente, ele não seguiu o que o pai lhe dissera e aceitou ir com os colegas, faltando à aula. Embora os dois zombassem de Pedro, ele os seguiu, porque pensava que assim faria amigos verdadeiros e não sofreria com brincadeiras perversas na escola novamente. João e Leleco eram os mais famosos da escola.

Eles andaram, andaram e chegaram a um velho circo distante da escola e da vila. Lá morava um homem que gostava muito de brin-

quedos, sobretudo aqueles feitos de madeira. Ele se chamava Carlo. Era um homem baixo, de pele pálida, sobranceiras robustas, sorriso amarelo, fala risonha e um olhar penetrante. Suas roupas eram maltrapilhas, desasseadas e cheias de remendos coloridos. Carregava sempre consigo uma bengala que mais parecia uma cobra em espiral.

De repente, Pedro chamou a atenção do pálido homem, pois era um boneco de madeira falante.

— Quem é você, menininho? — Interrogou Carlo.

— Sou Pedro! — Afirmou, sorridente, o inocente menino.

Eles conversaram por alguns instantes, até Carlo pedir para que Pedro e os demais ficassem e assistissem a um dos espetáculos de marionetes daquela tarde. Eles ficaram, embora assustados com a aparência dele. A curiosidade os dominou.

Durante o espetáculo, Joãozinho e Leleco voltaram para a vila. Já Pedro, ficou sozinho, encantado com o show de marionetes. Após o término da atração, Carlo não deixou o pobre menino, que estava assustado, ir embora, e, sem que Pedro notasse... Carlo o prendeu em uma gaiola com um de seus truques. E, ao ver que o garoto tinha uma perna embutida, tirou-a, fazendo o garoto não ter chance alguma de escapar.

— Deixe-me sair daqui! — Pediu o garoto.

— Você não vai embora! Você será minha grande atração! — Exclamou o homem.

Pedro continuava a se desesperar, ficando cada vez mais abatido.

— Devolva minha perna, seu monstro! Meu pai deve estar preocupado!

— Você tem um pai? Nenhuma família quer uma criança como você! HAHHAHA! — Falou Carlo gargalhando. —Deveria ter pensado

nisso antes de seguir seus “novos amigos”, contrariando seu pai... —  
Afirmou o homem.

As horas foram passando e Pedro ainda não voltara para a vila.

Em casa, Gabriel estava em agonia sem saber notícias de seu filho. Então, preocupado, decidiu sair em busca dele, pois, como um bom pai, sentia o perigo.

Foi à escola, mas seu filho não estava, sequer apareceu lá! Inquietou-se ainda mais e pôs-se a caminhar incansavelmente, até que encontrou Joãozinho e Leleco que estavam rindo muito. Então, Gabriel indagou:

— Do que riem?

— De nada, senhor Gabriel! — Disseram eles.

Gabriel desconfiou daquela situação, pois sabia que os dois tinham o hábito de mentir, então, continuou a andar em busca de Pedro.

Era quase noite, o pobre velho ainda não encontrara seu filho e já estava muito cansado. Ele caminhou tanto à procura dele que nem sequer se deu conta que estava às margens de uma praia, conhecida como a praia das sereias. Era um lugar muito bonito que, durante a noite, cintilava fortemente a luz da Lua em suas águas. A vista era deslumbrante, mas aquele mar guardava grandes segredos e grandes perigos, visto que era um dos lugares favoritos de descanso das baleias.

Assustado e sem saber o que fazer, o pobre velho, já muito cansado e em estado delirante, viu boiando nas águas reluzentes da praia um tronco de madeira que parecia seu amado Pedro. Não pensou muito e atirou-se ao mar na ânsia de encontrá-lo. Pescadores ao longe tentaram alertá-lo de que ali era um lugar perigoso e de águas geladas e profundas, porém, era tarde demais; Gabriel pôs-se ao mar! Já distante da praia e perto do tronco, acabou sendo engolido por

uma gigante baleia. Enquanto isso, Pedro ainda lutava tentando escapar das garras de Carlo.

A fadinha Azul, vendo tamanho apuro do pobre menino, ajudou-o a escapar e advertiu:

— Pedro, você deveria ter ouvido os conselhos de seu pai, ele o ama muito e quer apenas o seu bem! — Disse ela.

Pedro chorando arrependido do que fez, afirma:

— Eu só queria fazer novos amigos. Eu pensava que desobedecendo ao papai e seguindo o Joãozinho e o Leleco, eu seria aceito na escola.

— Pedro, você sempre foi aceito por seu pai! Ele ama e agora mesmo está à sua procura. Eu sei que as pessoas zombam de sua deficiência e isso é algo muito feio que machuca você; mas saiba que, mesmo você sendo diferente aos olhos de algumas pessoas da vila, isso não diminui seu brilho! Você é um menino muito especial! — Disse a fadinha.— Ahh, Pedro! Prometa-me mais uma coisa: você não vai mais faltar às aulas da escola e irá sempre obedecer ao seu pai! — Continuou ela.

— Não faltarei e sempre irei respeitá-lo, fadinha Azul! — Com ar de arrependimento, Pedro respondeu.

Depois de escapar das garras de Carlo e recuperar sua prótese com a ajuda da fadinha, Pedro correu em direção à vila com um desejo enorme de se desculpar com seu pai. Chegando à carpintaria, tudo estava revirado. Assustado, Pedro vai à vizinha e pergunta:

— Dona Pata, o que houve na oficina do meu pai?

— Ora, Pedro, ele estava muito aflito! Você não retornava e ele saiu em direção à escola pelo caminho das palmeiras à sua procura. Você deveria esperá-lo em casa, uma forte tempestade está prestes a vir! — Disse a Pata.

— Muito obrigado, Dona Pata, esperarei meu pai! — Respondeu o menino.

Pedro, também angustiado, não conseguiu ficar em casa e saiu em busca de seu pai. Andou, andou... até encontrar rastros que lhe eram familiares, fazendo-o chegar à praia, a mesma onde Gabriel fora engolido pela baleia.

Embora estivesse se locomovendo lentamente por conta de sua perna, que estava afundando na areia, viu um grupo de pescadores ao longe muito agitados. Já muito preocupado, conseguiu ir até eles e lhes perguntar o que estava acontecendo:

— Senhores, o que houve? Vocês parecem muito aflitos!

— Um homem foi engolido por uma baleia! Tentamos avisá-lo, mas era tarde! — Responderam os pescadores.

— Um homem! — Repetiu o menino angustiosamente.

Naquele momento, Pedro sentiu um grande frio na barriga.

— Como esse homem era? Ele estava usando um chapéu de palha e um avental? Tinha uma barba grande e branca? — Indagou Pedro.

— Sim! Pobre homem! Estava desesperado em busca de algo. Tentamos avisá-lo de que havia baleias, mas estávamos distantes e ele parecia não ouvir nossos gritos — disse outro pescador.

Sem pensar duas vezes, Pedro logo pediu ajuda aos pescadores. Disse-lhes que aquele homem era seu pai e que precisava socorrê-lo. Os pescadores o ajudaram, oferecendo-lhe uma jangada, porém o alertaram dos perigos:

— Você pode ser engolido por uma baleia como seu pai, tenha muito cuidado! A baleia que o engoliu tem uma de suas nadadeiras da cor branca. Todos os pescadores desta ilha já a conhecem!!

Então, tomado de coragem, partiu em busca de seu pai. Remou alguns metros, quando, de repente, foi, coincidentemente, engolido pela mesma baleia que pegara seu pai.

No estômago da baleia gigante, pai e filho se encontraram e conversaram. Pedro falou todo o ocorrido a seu pai, que estava ouvindo a história atentamente, e, então, pôs-se a chorar e a se desculpar.

— Perdoe-me, meu filho, eu não consegui lhe proteger de todo esse mal! — Falou o pai.

— Não chore, papai, isso não é culpa sua, eu sei que você me ama e eu o amo também! Quero lhe pedir desculpas por ser um menino levado. Prometo que serei bonzinho agora, e sempre irei escutá-lo! — Respondeu o garoto.

Gabriel e Pedro se abraçaram e, vendo que no estômago da baleia havia muitos troncos de madeira, resolveram, então, com a ajuda de um isqueiro que o homem tinha no bolso, fazer uma fogueira na esperança de que a baleia os cuspiisse devido à fumaça.

— Veja, meu filho, troncos de árvores! Vamos fazer uma fogueira, assim a baleia nos cuspirá! Vamos, me ajude a carregar este tronco até aqueles ali da frente! — Disse Gabriel.

— Sim, papai! — Exclamou Pedro.

E, então, eles fizeram a fogueira, porém, na hora de acendê-la, Gabriel alertou seu filho para se manter longe das chamas:

— Meu filho, permaneça aqui, as chamas podem ser perigosas!

Acendida a fogueira, Gabriel então abraçou seu filho e, no primeiro suspiro da baleia, ela os cuspiu para fora. Apesar de ter perdido sua prótese enquanto tentava escapar do estômago da baleia, Pedro e seu pai chegaram sãos e salvos à terra firme.

Passados alguns instantes e ambos já em casa, apareceu a benevolente fada Azul. Sabendo de todo o ocorrido, ela diz:

— Veja só o que suas peripécias causaram, Pedro! Poderia nunca mais ver seu pai! Ainda mais, perdeu sua prótese! Contudo, você foi muito corajoso e irei recompensá-lo!

— Pirimplim! — Disse ela.

E, num passe de mágica, Pedro virou um menino de verdade. A fadinha Azul realizou o encantamento, e as boas ações de Pedro foram recompensadas.

Porém, Gabriel teve de construir outra prótese para o filho, uma vez que, agora, ela deveria ser muito mais resistente que a anterior e maior, porque Pedro crescera muito. E, assim, Pedro pôde usar sua prótese sem que ela lhe causasse problemas, e, finalmente, pôde brincar com seus verdadeiros amiguinhos na escola.

Pedrinho e Gabriel viviam felizes em sua casinha na vila. Na carpintaria, os clientes sempre ficavam felizes com o trabalho do bom velhinho. Pedro estava aprendendo o ofício de seu pai, era agora um famoso carpinteiro.

Por ser um menino de verdade agora, Pedro sonhava em ser um grande construtor para poder ajudar crianças assim como ele a serem felizes, amando-se do jeito único e verdadeiro.



# 9

## AVENTURAS DE MARIA NO MUNDO DE OZ

*Gerlania dos Santos Acácio Romão  
Emiliana Siqueira Carvalho*

Maria vivia no sertão nordestino, com seu pai Pedro, que trabalhava como caseiro em uma fazenda, e com sua mãe Francisca, que trabalhava como cozinheira. A casa onde eles moravam era bem pequena e feita de taipas com quatro paredes, um chão e um teto. Quando Maria chegava à porta de casa e olhava em volta, só via uma grande vegetação seca em todos os lados, nenhuma árvore ou casa interrompia a paisagem totalmente plana que, em todas as direções, estendia-se até onde a vista alcançava.

O sol tinha transformado a terra cultivada numa extensão sempre igual, toda cortada por rachaduras. Nem mesmo a relva era verde, porque o sol havia queimado as pontas das folhas e elas ficaram com a mesma cor cinza que se via em toda parte. Mesmo com dificuldades, a família era feliz. Maria era a alegria da casa; sua mãe ficava tão surpresa com o riso da menina que gritava e levava a mão ao peito

toda vez que ouvia a sua voz alegre; e olhava admirada para a menina, ao ver que ela conseguia encontrar algum motivo para rir.

Um dia, Maria estava brincando no quintal, quando fortes ventos se aproximaram criando um grande redemoinho. A menina ficou assustada e correu para dentro do caixote de madeira; mesmo assim, o ciclone a levou para longe, muito longe. Maria ficou com tanto medo do barulho do ciclone que fechou os olhos e adormeceu; ela acordou assustada e se perguntou o que teria acontecido.

O ciclone tinha depositado a caixa com grande delicadeza no meio de um campo de uma beleza extraordinária! Havia lindos trechos de relvado verde à toda volta, com árvores imponentes carregadas de frutos coloridos e saborosos. Tufos de flores cresciam por todos os lados, e aves de plumagem rara e brilhante cantavam e agitavam as asas nos ramos das árvores e dos arbustos.

Um pouco mais adiante ficava um riacho correndo e cintilando entre margens verdes, murmurando com uma voz muito grata para uma menina que tinha vivido tanto tempo no sertão seco e cinzento. Enquanto admirava aquelas estranhas e magníficas paisagens, Maria reparou que vinha caminhando na sua direção um grupo formado pelas pessoas mais esquisitas que já tinha visto na vida. Não eram tão grandes como os adultos com que estava acostumada; tampouco eram muito pequenas.

Elas deram as boas-vindas a ela e agradeceram por ter matado a Bruxa Má e libertado seu povo da escravidão. Maria ficou espantadíssima com aquelas palavras! Ela não entendia como havia matado uma bruxa! Maria era uma garota inocente e inofensiva, que tinha sido arrastada por um ciclone para muito longe de casa, e nunca tinha matado nada e nem ninguém a vida inteira. Para esclarecer o ocorrido, eles mostraram o caixote de onde Maria tinha saído, e debaixo

dele podia ver os pés da bruxa. A menina ficou assustada, porém os moradores relataram que a bruxa fizera muita maldade contra eles, por muitos anos. Depois da conversa, Maria foi para a casa de alguns deles; lá eles conversavam sobre as histórias daquele lugar e falavam que, naquela terra, habitavam bruxas, feiticeiros e magos, entre eles o grande mágico de Oz, que morava na cidade das Esmeraldas. Então Maria se despede dos nativos e resolve ir pedir ajuda ao grande mágico, pois ela desejava voltar para sua casa e sentia falta de seus pais. O caminho era longo, mas seu desejo de voltar para sua terra era bem maior.

### **Maria conhece a menina de palha**

Depois de horas caminhando, a menina parou a fim de descansar debaixo de uma árvore próxima ao milharal; subiu na cerca ao lado da estrada e sentou-se no alto. Havia um enorme milharal do outro lado da cerca, e, não muito longe, ela viu algo parecido com um espantalho; porém, ao se aproximar, percebeu que se tratava de uma menina. Ela tinha aparência e tamanho de uma menina de sua idade, estava parada e isolada de outras crianças que brincavam no meio do milharal. Maria não entendia porque ela estava ali parada e tinha o olhar fixo. Então resolveu conversar com ela. A menina não olhou diretamente para Maria, mas falou enormes frases sem parar.

Maria perguntou seu nome e onde ela morava; ela disse que seu nome é Grandin. Então Maria estendeu a mão e falou que seu nome é Maria, porém Grandin não lhe deu a mão e saiu correndo. Uma senhora apareceu na porta de uma casa e chamou por Grandin. Maria se aproximou e lhe disse que Grandin estava rodando por muito tempo, que tentou fazê-la parar, só que não conseguiu. A senhora, com uma voz tranquila, explicou que Grandin tinha autismo e que esses movimentos repetitivos a ajudavam a relaxar. Ela era a mãe de Grandin. As

duas conversaram na sala da casa. A mãe de Grandin relatou que a filha fora proibida pela Bruxa Má de frequentar uma escola, por isso resolveu ensinar tudo a ela em casa mesmo. Ela aprendeu a ler e a escrever. Também lhe ensinou algumas regras de conduta, para que pudesse ter independência. Havia muitas crianças na região com as mesmas condições de Grandin.

A senhora de voz doce relatou que estava tudo pronto para partirem para a cidade das Esmeraldas, a fim de consultar o grande mágico, porém, ela tinha adoecido, falou a mãe com muita tristeza. Maria, imediatamente, disse com muito entusiasmo que levaria Grandin com ela à cidade para ver o mágico. A mãe de Grandin ficou muito feliz.

## **O resgate do menino de lata**

No dia seguinte, Maria e Grandin pegaram a estrada, andaram por um longo caminho e chegaram a uma grande floresta, onde as árvores eram tão altas, e cresciam tão perto umas das outras, que seus galhos se entrelaçavam por cima da estrada de tijolos amarelos. Elas estavam cansadas e resolveram parar e descansar. Bem próximo dali havia um riacho, então Maria se refrescou e pegou água para Grandin.

Depois que acabaram de comer e beber e se preparavam para voltar à estrada dos tijolos amarelos, Maria ouviu um gemido bem perto de onde estavam. Elas resolveram saber o que era e o som parecia vir de detrás delas. Viraram-se e deram alguns passos pela floresta antes de Maria descobrir alguma coisa brilhando à luz de um raio de sol que passava pelo meio das árvores. Era um menino dentro de uma lata enorme, com buracos por onde saíam pernas, braços, e a cabeça; ele chorava muito, mas não falava nada, apenas gemia. Maria não conseguia entender como ele tinha ido parar ali dentro ou como alguém poderia deixar uma criança dentro de um latão muito quente,

pois a lata estava lacrada. Então Maria lhe deu água e comida e resolveu levá-lo junto para o grande mágico Oz ajudá-lo.

No caminho, Grandin falou para Maria que o menino da lata tinha autismo também, só que mais severo. Maria lhe perguntou como ela sabia disso, e Grandin respondeu que sua mãe contava muitas histórias de outras crianças como ela, e que a Bruxa Má tinha ordenado que as crianças diferentes teriam que ser excluídas, por isso muitos pais não sabiam lidar, porque o autismo apresenta diferentes tipos de níveis. Algumas crianças não falam, outras não sabem movimentar alguma parte do corpo, e outras são até agressivas e hiperativas.

Maria percebeu que Grandin não apresentava nenhum daqueles níveis, e lhe perguntou qual nível de autismo ela tinha. Grandin respondeu que não gostava de barulhos, nem de ficar perto de pessoas que não conhecia, mas que aprendia muito rápido, apenas olhando para as coisas ou ouvindo. “Minha mãe me ensinou técnicas para lidar com esses problemas”. Enquanto Maria admirava-se com a inteligência de Grandin, o menino na lata caminhava calado; seu choro havia cessado.

## **O encontro com o menino leão**

Em todo esse tempo, Maria e seus companheiros atravessaram uma floresta bem fechada. A estrada ainda era calçada de tijolos amarelos, mas aqui estava totalmente coberta de galhos secos e folhas mortas das árvores, o que dificultava muito a caminhada.

Eles resolveram parar e descansar. Maria procurou água para se refrescar, enquanto Grandin pegou seu caderno de anotações, para registrar os acontecimentos da caminhada. O menino de lata se aproximou e apontou para a folha do caderno e o lápis. Grandin entendeu o que ele queria, e lhe deu uma folha e um lápis. Logo depois, Maria voltou com água e com outro vestido, ela gostava de se arrumar e

de estar sempre limpa. Maria ofereceu um vestido limpo a Grandin e perguntou se ela queria que ela arrumasse seu cabelo, pois estava todo assanhado, mas Grandin respondeu que não, ela se sente bem com sua aparência.

Todos ouviram um barulho como se fosse de muitos macacos. Eles correram para ver e, quando chegaram perto, um menino pulou assustado, agressivo, com vários macacos ao seu redor. Maria dispersou os macacos para longe, todos ficaram em silêncio e o menino ficou mais calmo. Maria perguntou como ele se chamava, mas ele não sabia seu nome e respondeu que morava na floresta depois que se perdera de sua família. Maria lhe ofereceu um pedaço de pão e perguntou por que ele estava tão agressivo com os macacos. O menino-leão respondeu que não gosta de barulhos, e que os macacos resolveram persegui-lo.

## **Cidade das Esmeraldas**

Depois de um longo caminho e de muitas aventuras, finalmente eles chegaram à Cidade das Esmeraldas. Maria ficou superadmirada com o grande castelo, ela estava ansiosa para ver o grande mágico! Depois de se apresentarem, os guardas reais levaram os peregrinos ao grande mágico, que apareceu através de uma grande nuvem de fumaça com a voz grossa e exuberante, e perguntou quais eram os seus desejos.

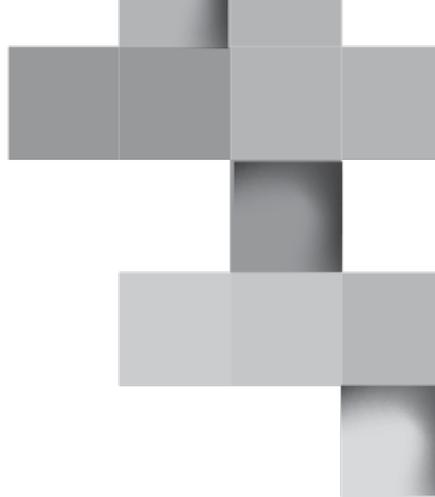
Grandin pediu que a curasse do autismo e a seus amigos também. O mágico soltou uma gargalhada e falou que o autismo não é doença, trata-se de uma condição relacionada ao desenvolvimento de seu cérebro, ou seja, “Vocês apenas veem o mundo de forma diferente”! O mágico se aproximou do menino de lata e retirou aquele latão, libertando-o. Junto com ele estavam alguns desenhos que tinha fei-

to durante a viagem, eram belíssimos e expressivos! Todos ficaram admirados! Ele não sabia falar, mas tinha um grande talento para as artes. Já o menino não observou que no palácio havia muitas pilstras e em cada uma delas um guarda real, e todos percebem os dons matemáticos do menino.

Então, Grandin teve uma ideia e pediu ajuda ao mágico para realizá-la. Ela queria abrir uma instituição para ajudar todas as crianças com autismo. O mágico concedeu seu pedido. Maria ficou tão feliz por todos que até se esqueceu de seu desejo. O mágico então perguntou se Maria desejava realmente voltar para casa. Logo depois aconteceu algo incrível: Maria acordou no chão do seu quintal! Ela olhou ao redor e o ambiente não era mais cinza, as árvores estavam verdes e o campo florido. Ouviu a voz de sua mãe à sua procura e então Maria olhou para o céu com ar de agradecimento.



# 10



## BRUNA, A RAPOSA ARTISTA

*Maria Poliana Mendes Ribeiro*

Em uma torre abandonada muito alta, afastada de qualquer civilização, vivia uma raposa chamada Bruna, com seu lindo pêlo ruivinho e seu sorriso encantador. Bruna era uma típica raposa que gostava do interior da densa floresta em que morava, apreciava observar de longe os outros animais que ali viviam e de sair mensalmente, comprar tintas para pintar seus belíssimos quadros.

Bruna amava sua vida e tudo que envolvia a tranquilidade daquele local, os dias claros e escuros, quente e frios. O único problema que lhe tirava noites de sono eram os filhos dos vizinhos que todos os dias faziam questão de lhe visitar. Essas horas eram torturantes para a ruivinha, porque quebrava sua rotina; ela acordava cedo todos os dias para organizar cada centímetro da sua casa, limpava as janelas, o chão, a louça, o quarto. Deixava tudo o mais organizado possível, mas, quando ela menos esperava, os pequenos chegavam, subiam as escadas com seus pés sujos, batiam na porta espalhando manchas de frutas e entravam, às vezes, até sem sua permissão. Corriam pe-

los cômodos, faziam inúmeras perguntas e chegavam até a colocar os dedos nos quadros novinhos que já estavam encomendados. Era quando ela tinha que começar tudo de novo, para conseguir entregar o seu trabalho no tempo requisitado pelos clientes.

Não interprete mal a nossa Bruna, ela gosta de todos os animais, principalmente os pequenos, mas ela tem um problema que vai além disso tudo: e que, desde criança, não consegue contornar, além de levá-la a se afastar cada vez mais dos seus amigos e vizinhos: ela tem TOC. E isso não é brincadeira; queria que fosse, mas fez com que ela se isolasse, para que pudesse encontrar paz, tendo uma casa só para si, com seus limites controláveis e dias pacatos e que somente aquela torre era capaz de lhe conceder. O TOC era seu pesadelo mais cruel, pois a fez afastar-se de todos e lhe impôs barreiras.

Apesar disso tudo, Bruna era uma excelente pintora, maestra de pincéis como ninguém! As tintas e as telas eram suas melhores amigas e lhe faziam companhia todos os dias. Era o único momento em que Bruna conseguia finalmente se libertar das luvas que sempre cobriam suas mãos, para tocar e sentir a tela branca e lisa, e a tinta grossa e fluida. Seus movimentos eram artísticos e aquelas texturas não a perturbavam; ao contrário, acalmavam seu coração em momentos de crise.

Em uma manhã de primavera, uma tempestade havia atingido a comunidade dos animais, derrubando galhos e destruindo casas, deixando as pobres criaturas sem abrigo e desorientadas. Quando Bruna acordou, ela ainda não sabia o que havia acontecido, mas foi só abrir as cortinas que ela pôde perceber o caos em que tudo se encontrava. Sua casa estava intacta e ela não sofreu nenhum dano, mas a comunidade estava claramente precisando de ajuda. Mas, para piorar, a raposinha acordou com dores nas pequenas mãos, então o que quer que precisasse ser feito para ajudar era impossível diante disso, por-

que, além da dor física, Bruna também tinha pavor de sair de casa, encontrar com qualquer pessoa e tocar em qualquer coisa.

Mas aquele dia era diferente, todos estavam ajudando ao ponto de nem os pequenos animais irem visitar sua casa. Enquanto ela pintava, teve uma ideia. Bruna levantou com a determinação de que nada iria detê-la! Pegou, mesmo com dificuldade, os materiais de limpeza que estavam guardados, abriu a porta com cuidado, desceu os degraus devagar. Seus olhos curiosos pousaram no cenário devastado, mas também nas pessoas dando suporte na reconstrução das casas; cada uma fazendo um pouquinho, todos dando seu máximo.

Porém, ela não conseguiu dar mais nenhum passo, ficou estática! Aquilo era demais para ela; era demais porque não poderia simplesmente sair limpando a comunidade toda. Seus dedos doíam e somente ela não seria capaz de limpar aquela imensidão à sua frente. Havia uma bagunça de folhas se espalhando por todo canto, em espaços que nem ela poderia alcançar; animais andando e se cumprimentando, tudo sem controle e em total desordenação.

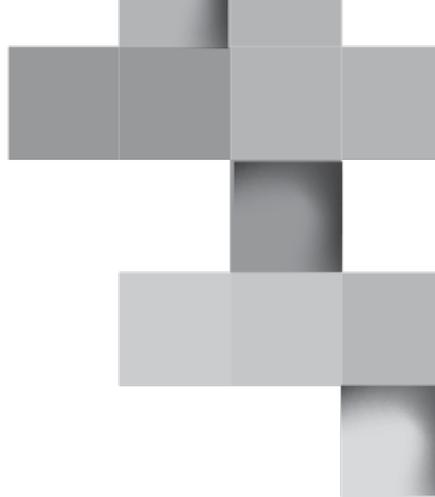
Bruna subiu as escadas correndo e fechou a porta de supetão! Mas ela não era mais a mesma. Não podia ser mais a mesma, depois de descer aqueles degraus e se comover com a realidade da sua comunidade; de perceber que todos podiam ajudar, apesar d suas limitações.

Foi quando ela teve sua brilhante ideia:foi sorrindo até a janela, como se aquela genuína atitude fosse a mais incrível do mundo! Chamou pelos pequenos animais que todos os dias iamisitá-la,para cada um entregou uma tela e tintas das mais diversas cores e pediu que eles a ajudassem a pintar quadros para todas as casas que estavam sendo reconstruídas. Foi uma festa! As crianças sorriam ao espalhar as cores, comparavam seus desenhos, faziam traços que Bruna nunca pensou em fazer. Ela supervisionou tudo enquanto fazia os outros.

No fim daquele dia, as casas estavam reconstruídas e decoradas com lindos quadros que simbolizavam a união e o amor de cada família e da comunidade de animais. Bruna ficou muito feliz, porque, apesar de tudo, ela conseguiu ajudar os outros animais, e ter um dia divertido com os pequenos! Nada é impossível, quando estamos determinados a dar o nosso melhor!







## O EXTRAORDINÁRIO DUCK

*Dijailson Alves Galeno*

*Marcelino Ribeiro de Sousa Neto*

*Maria Marcelina de Sousa Ferreira*

Carla tinha escolhido o lugar mais calmo para morar. Era um vilarejo afastado de todos os centros urbanos e onde todos os moradores tinham uma vida simples e humilde. Perto de sua casa havia bosques repletos de árvores e, além disso, os rios tinham águas tão claras que dava para ver todas as espécies de peixes e animais marinhos que moravam por ali. Era o lugar perfeito para criar seu sétimo filho que estava para nascer.

Quando chegou a hora do nascimento, Carla não via a hora de conhecer o rostinho de Duck, esse era o nome que ela havia escolhido para ele. Ao fim da espera, nasceu uma criança “miúda” com bracinhos enrolados e, para garantir que era um bebê saudável, tratou logo de levar para a casa de seu Arthur, o homem mais sábio do vilarejo. Ele lhe disse que cada criança tinha sua forma de vir ao mundo e que ela não deveria se preocupar.

Tranquilizada, a mãe voltou para casa com o seu pequeno filho. O tempo foi passando e, quanto mais Duck crescia, mais ele se diferenciava de seus irmãos e das outras crianças. Desde cedo ele ouvia comentários sobre sua aparência.

- Ele é desajeitado.
- Ele tem um andar abobalhado.

No início da vida de Duck, sua mãe dedicava a maior parte do dia a ele, mas isso não durou muito, pois sua mãe também precisava cuidar da casa e de seus outros irmãos, já que seu pai trabalhava fora e só vinha ver a família uma vez por mês. Duck crescia sozinho. Não havia outras crianças com quem brincar, pois sua aparência, a cada ano que passava, causava mais estranheza: de suas costas crescia uma corcunda e, por isso, alguns lhe chamavam até de monstro.

Desanimado com toda aquela rejeição, Duck decidiu fazer caminho para longe do vilarejo; caminhou, caminhou até que chegou em uma cidade. Duck viu prédios enormes, carros barulhentos, fábricas soltando fumaça e pessoas que nem notavam sua presença. Naquele momento, sentiu medo em meio ao tumulto da cidade. Então ele resolveu se esconder em um beco estreito que dava para a saída dos fundos de um restaurante, onde restos de comida eram jogados fora. Foi dali que Duck conseguiu alimento naquele dia. Com toda aquela situação, ele ainda conseguia sorrir, embora dormisse em colchões velhos, em um local onde não passava ninguém. Por estar sempre sujo, andava em meio às pessoas sem ser notado; para ele isso não era tão ruim.

Mas o inverno chegou, as chuvas eram frequentes, as nuvens não davam espaço para o sol, Duck sofria com o frio incessante. Até que, certo dia, ele desmaiou de frio, enquanto andava nas ruas em um fim de tarde. Antes de perder totalmente a consciência, ele ouviu as pessoas dizerem.

— Ele morreu!

— Chamem socorro!

Na manhã seguinte, bem cedo, ele acordou em uma cama quentinha, com várias outras do lado, todas vazias, e, de repente, surge em sua frente uma senhora de voz calma e dócil que perguntou seu nome.

— Me chamam de Duck — respondeu ele.

Ela, de imediato, explicou que aquele lugar se tratava de uma instituição de apoio a pessoas com deficiência e que ele havia sido encontrado nas ruas e sem seus pais. Então a boa senhora lhe perguntou se ele conhecia os pais.

Duck pensou logo em lhe contar sua história, mas ficou com medo de lhe mandarem de volta para o vilarejo, então ficou em silêncio.

Naquela manhã, enquanto passeava pelos corredores daquele lugar, ele conheceu todas as outras crianças e pôde perceber que todas elas, mesmo com suas privações, eram alegres, se divertiam e estavam recebendo todo o apoio e dedicação para conquistarem sua independência. No dia seguinte, Duck, meio temeroso, dirigiu-se com sua benfeitora para um consultório. Estava lá um doutor que o examinou: apalpou sua corcunda, seu dorso, e imediatamente lhe descreveu a doença, o que para ele foi algo complicado. Ao sair do local, precisou usar constantemente uma faixa de pano, uma cinta, colete, não soube ao certo, mas lhe disseram que ajudaria a ter uma vida melhor.

Passaram-se meses e ele cada vez mais gostava de viver ali com as outras crianças; brincava, se divertia e observava toda a evolução pela qual elas passavam até atingirem o seu máximo potencial.

Certo dia, anos depois de sua chegada, perguntaram-lhe novamente sobre sua origem. Nesse dia, Duck contou toda sua história.

Então, a mesma senhora, que o acolheu na instituição, de imediato o levou até o espelho. Duck percebeu que seu reflexo no espelho era o de um homem forte, educado e gentil.

A partir daquele momento, Duck passou a se aceitar e também a enfrentar sua deficiência como um desafio e não mais como desculpa para se esconder das pessoas. E finalmente decidiu que estava na hora de retornar à casa de seus pais.

No dia seguinte, ele partiu para o vilarejo. De volta ao lar, ele notou que seus irmãos já eram adultos e alguns haviam estabelecido família. Sua mãe e seu pai moravam juntos, pois, com a tristeza de um filho desaparecido anos atrás, o pai voltou para casa e buscou trabalho nas redondezas. Duck quase não foi reconhecido; a sua pequena corcunda era a única semelhança do que já fora um dia.

Quando Duck reencontrou sua família, notou também que naquele vilarejo se encontrava um garoto surdo e cego, chamado Carlos. Percebendo que Carlos vivia sozinho e que não conseguia se comunicar com as pessoas, Duck decidiu ajudá-lo, levando-o para a instituição que o havia acolhido.

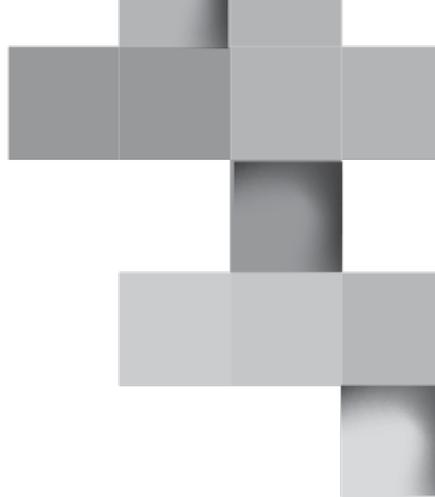
Na instituição, Carlos foi apresentado à Libras tátil, e passou a se comunicar e a interagir com o mundo. Após isso, Duck percebeu que poderia ajudar outras pessoas a serem aceitas na sociedade, por isso passou a lutar pelos direitos dos deficientes e também se tornou voluntário da instituição, ajudando a construir uma sociedade igualitária e inclusiva.

*(Baseado no conto O Patinho Feio, de Hans Christian Andersen)*





# 12



## O LEÃO E O RATINHO CEGO

*Antônia Leticia da Silva  
João Lucas Santos da Silva*

Era uma vez em uma savana distante, num dia em que o sol brilhava, os animais acordavam com saudações de “Bom dia!”

- Bom dia, Dona Coruja!
- Como vai, Senhor Elefante?
- Dormiu bem, Senhorita Zebra?
- Como uma rainha, Seu Macaco!

De repente, ouviu-se ao longe um grande e feroz rugido.

- GRRRRRRRRRRR!!!

Parecia ser um Leão muito feroz e faminto. Todos os animais ficaram apreensivos, trataram logo de se esconder. A Dona Cobra ras-tejou para trás de uma moita, o Senhor Hipopótamo correu para o lago mais próximo e o Jovem Camaleão, como não era tolo, subiu na árvore mais alta que havia. O Leão se aproximava cada vez mais, mas a floresta já estava vazia, quer dizer... quase vazia.

Era o Ratinho que, por causa da sua cegueira, vinha saindo da toca, auxiliado por sua bengala de galhos de árvore. Justo naquele dia, ele tinha dormido demais e não ouviu nada do corre-corre que havia acontecido.

Ele tinha a audição e o olfato muito apurados; reconhecia os passos de cada um de seus amigos da savana mesmo ouvidos de longe. Achava estranho todo aquele silêncio. Afinal de contas, depois das oito, o Macaco já não se calava. Adorava contar histórias. Era o mais tagarela de todos. Sempre que o Ratinho se aproximava, ele se oferecia para ler um livro. Assim, o Ratinho o ouvia curioso e atentamente.

Ele não imaginava que ali por perto se aproximava um Leão em busca de comida.

“Será que os outros também dormiram até tarde?” Pensou o Ratinho.

Nesse instante, um cheiro diferente pairou no ar; um cheiro forte, que lhe entranhava focinho à dentro. O barulho de galhos e folhas secas sendo pisados se tornavam cada vez mais altos. CRECK! CRECK! CRECK!

Passos fortes se aproximavam cada vez mais. Rápido! Rápido! Rápido!

De repente, o Ratinho sentiu uma presença outrora desconhecida, e o cheiro, que antes era forte, agora era mais forte ainda. Aquela criatura fazia voltas em torno do Ratinho, fazendo com que o momento ficasse cada vez mais tenso.

O Ratinho, através da sua audição, tentava ler aquele novo ser. Conseguia sentir que era um animal muito grande, de quatro patas e de respiração ofegante. Estava cansado, certamente.

“Será que ele está me vendo aqui?” Pensou o Ratinho.

Em um segundo, sentiu pousar sobre sua cauda uma pata enorme, que, no mesmo instante, levantou-o, deixando-o de cabeça para baixo.

— Ora! Ora! O que temos aqui? — Disse o Leão, emanando seu hálito quente sobre a face do Ratinho.

— Quem é vo-você? — Perguntou o Ratinho tremendo de medo e sem entender nada do que estava acontecendo! Nenhum outro animal o havia tratado daquela forma em toda sua vida.

— Ora, que audácia! Quem eu sou? Você não está vendo? Eu sou o Leão, mais conhecido como o rei da savana e manda-chuva do pedaço. Você não vê?

— Não — respondeu o Ratinho — Peço desculpas pela confusão, mas eu sou cego, reconheço os outros animais pelo cheiro e barulho que fazem, mas o senhor nunca tinha passado por essas bandas!

Não me venha com desculpas, muito menos com apresentações, pois você acabou de ganhar o nome de “meu café da manhã”!!! — Disse o Leão.

O Ratinho nunca tinha sentindo tanto medo como naquele instante, mas juntou toda coragem que tinha e disse:

— Por-por favor, Rei Leão, não me coma, eu lhe suplico, ainda tenho muito o que viver!

— E por que eu não lhe comeria, seu Ratinho insolente?

— Eu sou tão pequeno — disse o Ratinho — não saciaria sua fome, só lhe deixaria com mais fome ainda e, então, você ficaria muito irritado.

O Leão olhou desdenhoso para o Ratinho e, com um certo pesar, lamentou que a informação dele fosse verdadeira. Então, resolveu devolvê-lo ao chão.

— A sua generosidade um dia será recompensada, Rei Leão! — Exclamou o Ratinho.

— HAHHAHAHA! Por você? — Perguntou o Leão depois de uma longa gargalhada.

— Ora essa, como você, uma criatura tão pequena e ainda cega, poderia me ajudar um dia? Assim, foi embora rindo e debochando do pequeno Ratinho cego.

Certo dia, enquanto andava distraidamente pela savana, o Leão caiu em uma armadilha deixada por caçadores e, então, subitamente, se viu envolvido por uma rede de cordas que o deixou imóvel e distante do chão.

“ Não posso rugir porque os caçadores virão me matar. Não posso pedir socorro porque os outros animais acharão que sou um fraco. O que vou fazer?” Pensava o Leão.

Ao longo do dia, passaram por ali, a Cobra, o Camaleão, o Macaco, a Zebra e muitos outros animais, mas nenhum deles percebeu que o Leão estava no alto da árvore envolto nas cordas da armadilha. Então, já certo de que morreria de fome e sede, o Leão se entregou ao desânimo completamente.

Foi aí que se ouviu um pequeno barulhinho, era apenas outro animal se aproximando.

Lá embaixo, no chão da savana, o Ratinho, acompanhado de sua bengala, vinha fazendo sua caminhada no fim da tarde. De repente, sem ouvir barulho algum, sentiu mais uma vez aquele cheiro forte, característico do Rei Leão.

— Rei Leão, é você que está aí? — Gritou o Ratinho.

— Fale baixo! — Disse o Leão — Caí em uma armadilha e estou suspenso por uma rede de cordas aqui no alto dessa árvore que está a sua frente.

Ao ouvir aquilo, o Ratinho não pensou duas vezes e disse:

— Não se preocupe, eu lhe ajudarei, Rei Leão!

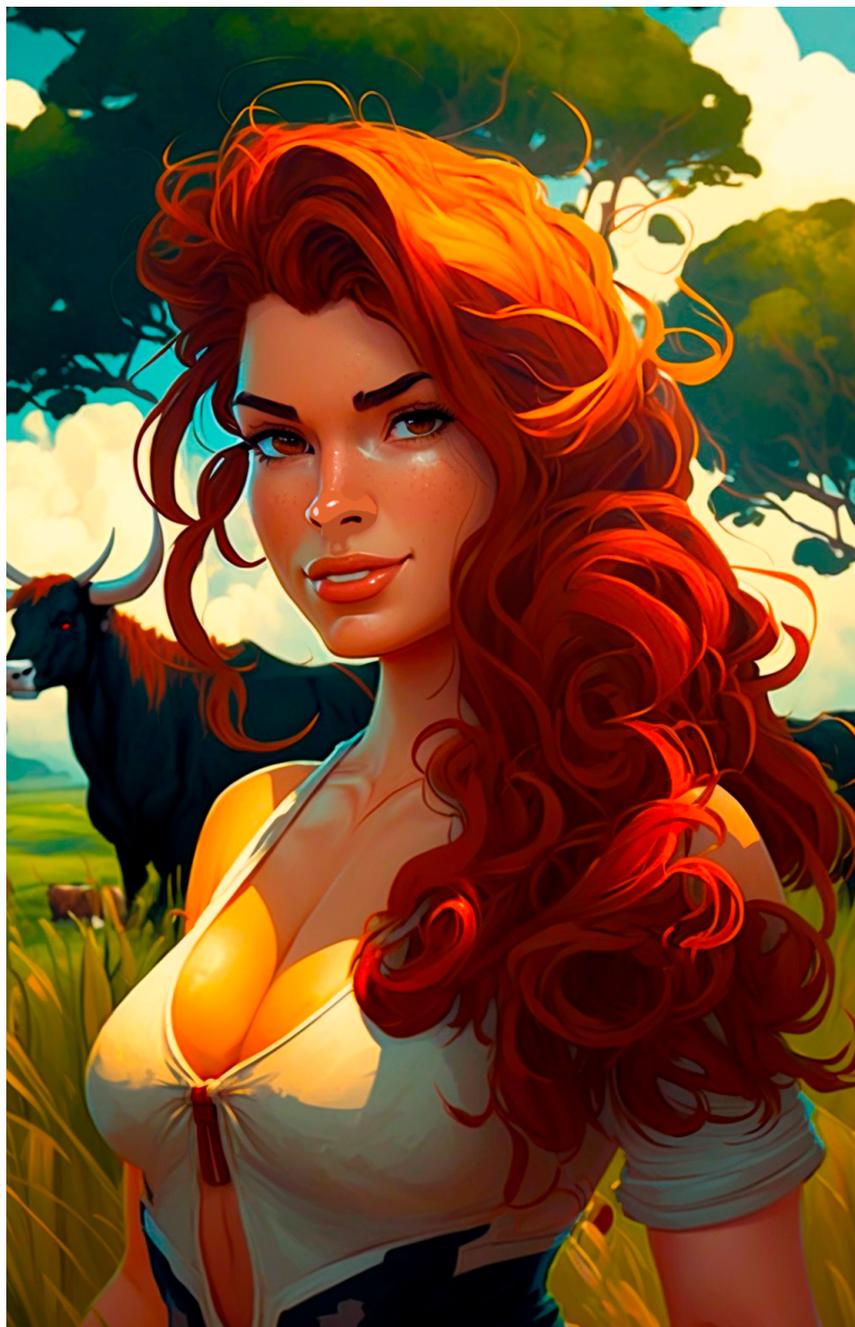
O Leão não conseguiu dizer nada, só pensava como aquele animalzinho tão pequeno, e ainda por cima cego, poderia lhe ajudar.

Foi aí que o Ratinho, guiado pelo direcionamento do Leão chegou à árvore, fez a escalada com todo cuidado e, ao se aproximar da rede, começou a roer as cordas até que o Leão estivesse livre.

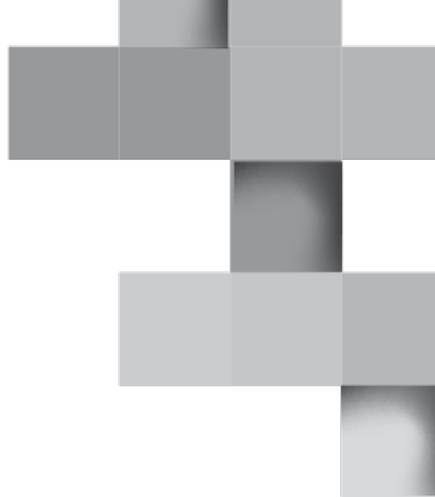
Envergonhado pelo seu preconceito e por ter subestimado o Ratinho, o Leão, depois de muitos agradecimentos, completou:

— Amigo Ratinho, só agora consigo perceber que a minha cegueira foi pior que a sua. Estive cego quando duvidei de você. Estive cego quando lhe julguei por seu tamanho e por sua deficiência. Me deixei cegar por minha soberba, meu preconceito e minha arrogância. Por isso, peço-lhe desculpas!

Daquele dia em diante, o Leão entendeu que nenhum ato de gentileza é coisa vã e que não se pode julgar a importância de um favor pelo tamanho, pela aparência ou por qualquer outra diferença do benfeitor.



# 13



## VALENTINA

*Ana Rafaela Araújo da Costa  
Cezarina Santos da Silva*

Era uma vez um fazendeiro de 50 anos, alto, de cabelos grisalhos e olhos castanhos. Homem humilde, produtor rural do campo. Ele vivia muito feliz com sua família na zona rural e adorava suas plantações e animais. A bela esposa, de apenas 45 anos, era uma mulher forte e estudiosa, muito sábia com as palavras; tinha os cabelos longos e cacheados e era um pouco mais baixa que o esposo.

O casal tinha apenas uma filha chamada Valentina, uma adolescente de 18 anos. Era uma moça muito atenciosa, de beleza rara, parecia muito com a mãe. Tinha cabelos cacheados e longos, rosto fino e rosado e um coração muito bom.

Certo dia, a mãe de Valentina foi acometida por uma doença muito grave. Percebendo que sua vida chegava ao fim, no hospital, escreveu uma carta para a filha:

“Querida filha, na vida encontramos muitos obstáculos. Sei que você também encontrará, mas não se deixe abater! Seja sempre fiel

ao que eu ensinei a você. Infelizmente, algumas pessoas não entenderão suas limitações e farão coisas que podem desagradá-la, mas isso não deve ser motivo de desânimo, pois o problema está com elas, que são ignorantes e não buscam se informar sobre as potencialidades e os limites das pessoas e acabam por tratá-las mal. Não as xingue. Ensine como elas merecem ser tratadas”.

Ao anoitecer, a carta chegou à fazenda onde Valentina estava. Ela leu tudo que a mãe tinha escrito e não conteve suas lágrimas. Quando viu aquelas palavras, soube exatamente que a mãe estava preocupada por causa de sua deficiência em seu pé esquerdo, e que por isso mancava um pouco. A mãe sabia que Valentina já tinha sofrido muito preconceito e exclusão por isso. Ao ler a carta, a jovem percebeu que encarar o mundo sem a mãe seria muito mais difícil.

Imaginando que a carta poderia ser uma despedida, a menina sussurrou:

— Como vou viver sem minha mãe para me defender dos olhares maldosos, dos comentários inconvenientes?

Algumas horas se passaram e um novo dia raiou. Logo cedo, todos os que moravam nos arredores da fazenda comentavam o infeliz acontecimento e diziam:

— Pobre menina Valentina, como ela vai viver sem a mãe? E ainda tem dificuldade para andar. Deus tenha misericórdia dela agora!

Todo aquele povo comentava o acontecido e tinha pena da menina!. As pessoas ressaltavam apenas a deficiência dela; viam a menina como incapaz e não sabiam que ela era muito independente e que fazia quase todas as coisas sem ajuda de outras pessoas.

Em uma dessas conversas, Valentina aproximou-se e ouviu tudo, inclusive sobre o falecimento da mãe. Foi o momento em que confir-

mou a morte tão precoce. Valentina entrou em desespero; as lágrimas caíam e molhavam todo o seu pequeno rosto! Mas ela sabia que precisava ser forte. Conteve as lágrimas e lembrou-se das palavras da mãe e de como ela era uma mulher bondosa. E então acalmou-se.

Os dias se passaram. Desde que a mãe falecera, Valentina se esforçava para percorrer um longo e pedregoso caminho até o cemitério e visitar o túmulo da mãe. Toda semana ela ia até lá. Sua vontade era de visitá-la todos os dias, mas seu pai não permitia, pois, por causa da deficiência da filha, ele tinha medo de algo acontecer e prejudicá-la; além do mais o cemitério não tinha acessibilidade e era dificultoso se locomover todos os dias até lá.

Assim, durante muito tempo a família sofreu com a perda da matriarca. Porém, dois anos após o falecimento da mãe, o pai da jovem Valentina decidiu casar-se novamente. Precisava de alguém para ajudá-lo e, quem sabe, a nova esposa poderia ajudar sua filha também, ele pensou. Assim ela poderia ter mais companhia e talvez ficasse um pouco mais alegre.

O pai trouxe então uma mulher da cidade para morar com eles na fazenda. A nova esposa era alta, de cabelos castanhos e corpo esbelto, aparentava ter uns 40 anos. Junto com ela vieram suas duas filhas, que tinham 17 e 19 anos e eram semelhantes à mãe, tanto na aparência física como na personalidade.

Logo que Valentina as conheceu, ficou muito alegre, pois imaginou que seriam amigas, mas depois percebeu que elas não eram pessoas muito amigáveis, pois pensavam e agiam muito diferente. Eram pessoas arrogantes, cheias de vaidade e preconceito. A filha mais nova, apesar de ter as características da mãe, era a que mais tinha proximidade com Valentina, pois muitas vezes precisava dela para ler algum

livro. Valentina percebia que ela tinha algum problema na visão, pois frequentemente pedia para ela ler em voz alta.

Nos primeiros dias em que elas chegaram à fazenda, começaram a tratar Valentina com desprezo e indiferença, e a madrastra colocou logo muitas atividades de casa para Valentina realizar diariamente. As filhas também refletiam as atitudes ruins da mãe, ficavam rindo da menina e, com deboche, pediam para ela andar com rapidez quando estavam juntas, mesmo sabendo que Valentina não podia forçar a perna. A filha mais velha dizia:

— Valentina, anda rápido, parece que é aleijada! Vamos logo!

A menina ficava entristecida, esforçava-se para andar rápido, embora tivesse sua limitação. Era muito compreensiva e, mesmo sabendo que aquele não era o modo adequado para tratar alguém, não se estressava. Era também muito consciente de seus valores, sabia que não era melhor nem pior que as outras pessoas, e tinha vontade de esclarecer para as meninas sobre o motivo de andar devagarinho.

Valentina alimentava a certeza de que as meninas não eram conscientes do quanto faziam mal às pessoas com deficiência, tratando-a daquela forma. Embora elas a tratassem mal, Valentina estava sempre disposta a ajudá-las.

Um dia, a filha mais nova quase caiu, sua visão estava com manchas escuras. Valentina percebeu que algo na visão da moça estava diferente e ofereceu ajuda, pois viu que ela apresentava dificuldade de enxergar.

Sempre que acontecia algo com Valentina, ela costumava ir até o túmulo da mãe e desabafava. Mesmo se fosse algo bom ou ruim, ela ia lá conversar, pois se sentia solitária em sua casa. Em um desses desabafos, ao direcionar-se para casa, viu um cartão no chão, deixado por um pássaro alvo e brilhante. Assim estava escrito:

— “Seja forte e corajosa, em breve sua vida mudará!”

A partir desse dia, Valentina vivia sem perder a esperança de que tudo iria melhorar.

A madrasta infelizmente continuou não respeitando suas limitações; colocava-a para trabalhar duro, desde o nascer do sol até o começo da noite. A jovem pegava água na cisterna, tirava madeira, cozinhava, lavava roupa, costurava e limpava a casa. Mesmo com dificuldade, realizava as atividades, algumas possíveis, outras que até lhe causavam muito desconforto.

Um certo dia, seu pai reparou naquele tratamento que a filha estava recebendo e, sem conseguir entender nada, disse:

— Valentina, minha querida, você sabe que não pode fazer isso, por que está assim? Veja como está seu pé, parece que está ficando prejudicado!

Logo em seguida, Valentina respondeu quase chorando:

— Papai, eu...

Quando começou a explicar, a madrasta entrou dizendo:

— Oi, amor! O que houve? A Valentina quis ajudar, nós fizemos um trato de cada uma ajudar em uma tarefa da casa, assim ela não fica sobrecarregada. Ela pode fazer isso, não vai prejudicar o pé dela não!

Valentina apenas baixou a cabeça com tristeza, pois tudo que a madrasta disse era mentira. O pai, sem saber o que de fato acontecia, acreditou que não precisava se preocupar.

Os dias foram passando e nada mudava na vida de Valentina. Com a rotina pesada, seu pé já apresentava fortes dores, mas as exigências da madrasta ficavam cada vez maiores. Porém, o que mais machucava a menina era a exclusão e o preconceito que tinham com ela.

Um certo dia, seu pai foi à cidade, para realizar algumas compras. Gostava muito de agradá-las e então perguntou o que queriam que ele trouxesse. Como as enteadas eram bem vaidosas e só se preocupavam com coisas materiais, assim pediram primeiro:

— Eu quero lindos e longos vestidos, disse uma.

— Quero joias modernas e maquiagens, disse a outra.

E você, minha querida Valentina, o que quer que eu traga? Perguntou o pai.

— Papai, eu não estou precisando de roupas, nem nada. Só gostaria de ir com você, pois estou com uma dor no meu pé e não consigo manter equilíbrio por muito tempo. Respondeu Valentina.

Ouvindo isso, a madrasta interrompeu a fala de Valentina:

— Querido, não precisa se preocupar com ela! Irei preparar um chá; logo ela estará bem, só preciso que ela fique para descansar, pois não é indicado se esforçar muito. Pode ir tranquilo!

E assim Valentina continuou:

— Papai, então traga algo que eu possa colocar em meu pé para melhorar as dores, sei que pode custar caro, mas é a única coisa de que preciso!

O pai concordou e então saiu para as compras.

Quando ele saiu, a madrasta e suas filhas começaram a rir e mandaram Valentina cuidar dos afazeres domésticos. Passadas algumas horas, o pai chegou com os vestidos, as jóias e lembrou de trazer para a filha algo que ela queria muito, uma bota ortopédica pela qual há tempos Valentina aguardava. A menina ficou extremamente feliz e satisfeita com o presente! Chorava de alegria, pois com aquele presente poderia melhorar muito sua qualidade de vida!

Um mês depois, o pé de Valentina havia melhorado muito com o uso da bota.

E então uma festa foi anunciada na cidade. Um jovem muito educado, de 26 anos, olhos castanhos, alto e forte, chamado Gael, chegou à cidade. O rapaz era filho de um fazendeiro da região e há pouco tempo havia se formado em agronomia. Gael voltava da capital para sua cidade natal; foram cinco anos longe da família. Para comemorar a volta do bom filho, seu pai preparou uma festa e convidou todas as famílias vizinhas, pois era um momento que precisava ser celebrado. O pai queria que o filho conhecesse novas pessoas, quem sabe até encontrasse uma moça para casar!

Então enviou os convites da festa para todas as fazendas vizinhas.

Quando o convite chegou à casa de Valentina, as duas filhas da madrastra ficaram muito felizes e ansiosas para conhecer o jovem vizinho. Começaram a preparar roupas, sapatos e joias para o grande dia.

Valentina, sabendo que o convite se estendia a todos da casa, também teve interesse em ir até lá. Mas, ao manifestar sua vontade, a madrastra (como sempre fazia), excluiu a menina; demonstrou não gostar da ideia e foi logo dizendo:

— Você tem mais é que ficar aqui, lugar de doente é em casa, não em festas! Você nem anda direito, como vai dançar, como vai se divertir!?

A menina entristecida ficou cabisbaixa; aquelas palavras machucavam-na. Mas ela sabia que poderia se divertir da sua maneira; também poderia dançar muito bem, não havia motivo para se envergonhar! Além do mais, sua mãe sempre dizia que uma pessoa boa, de alma bonita, era mais importante na vida do que um corpo perfeito e do que coisas materiais. Assim, não havia nada no seu corpo ou na sua aparência de que ela se envergonhasse.

Passados alguns dias, aproximava-se a grande festa.

Mesmo com os comentários maldosos da madrasta, a jovem Valentina não desistiu de participar e cuidou em conseguir uma roupa adequada para o momento. Mais uma vez ela foi até o túmulo da mãe e contou sobre todos os acontecimentos; confessou que gostaria muito de uma bela roupa para participar da festa, mas não queria perder ao pai, pois já tinha ganhado uma bota um pouco cara.

Ao sair do local, Valentina foi surpreendida mais uma vez por um pássaro alvo e brilhante que deixou um bilhete dizendo:

“Querida Valentina, você tem sido muito resiliente, respeitosa e cheia de fé! São valores que todas as pessoas deviam cultivar na vida. Vi que você precisa muito de uma vestimenta, então deixei um presentinho em cima da sua cama, vá e aproveite!”

Valentina saiu daquele lugar sem acreditar naquele bilhete; achou que fosse uma brincadeira, mas, quando chegou, correu ao quarto para verificar se tinha algo em sua cama, e lá estava o embrulho com belas peças: joias douradas e um vestido de princesa vermelho. Para sua surpresa, também havia uma belíssima e brilhante bota ortopédica.

Valentina ficou tão surpresa e alegre, que sequer conseguia expressar tamanha felicidade; era a primeira vez que ficava tão feliz após a perda de sua mãe!

Três dias se passaram e era chegado o dia da grande festa. Ao anoitecer, as duas filhas da madrasta, muito bem produzidas, achando-se as mais belas, seguiram para a festa. A mais nova contava com a ajuda da irmã para frequentar esses lugares. Elas seguiram e nem se lembraram de Valentina.

O evento logo começou; era uma bela festa, com decoração elegante, muitas bebidas e comidas. Todos dançavam muito animados. O rapaz já tinha sido apresentado a todas as moças que estavam lá, porém ninguém despertou seu interesse.

Quando passou uma hora que a festa havia começado, entrou pela porta principal uma jovem irreconhecível, com o olhar mais puro e com o sorriso mais lindo daquele lugar! Tinha um coração tão bom e uma energia tão radiante que onde ela chegava todos ficavam admirados! As roupas só realçavam sua beleza interior e encantou a todos que estavam no lugar. Todos os olhares se voltaram para ela.

Ao vê-la, Gael apressou-se em conhecê-la. Chamou-a para dançar e passaram horas dançando. Ela dançava lindamente! Sua deficiência em nada a impedia de brilhar na festa e seu modo de dançar era tão radiante que ela parecia flutuar no salão. Assim ela estava se divertindo como jamais tinha se divertido, estava extremamente feliz! Gael ficou encantado com a leveza de sua dança, achou-a a mais linda de todas as mulheres da festa. A pureza, a postura e a humildade de Valentina muito o encantaram.

A festa chegava ao fim. Valentina saiu apressada para chegar antes das filhas da madrasta. Não queria que as garotas soubessem que ela era a moça que chamara a atenção de todos. Nem se despediu do rapaz e foi embora! Na pressa, acabou perdendo sua bota brilhante na estrada.

As filhas da madrasta ficaram horrorizadas por que o jovem não se interessou por elas. O que elas não sabiam era que ele não tinha interesse por roupas bonitas ou riquezas, mas era encantado pelas pessoas de bom coração. Chegaram a sua casa decepcionadas.

Ao perceber o sumiço repentino da jovem, Gael pediu que um de seus amigos fosse procurá-la. Na estrada, o amigo encontrou apenas a bota jogada ao chão; pegou-a e levou para o rapaz.

No dia seguinte, o rapaz esperou a moça vir pegar a bota, anunciou a todos que havia uma bota em sua casa e aguardou o dia inteiro. Porém, o dia passou rápido, nada de aparecer alguém para buscar a bota. Aflito, Gael então resolveu andar em todas as casas vizinhas buscando encontrar a moça.

A notícia correu por toda a cidade. O rapaz andou em todas as fazendas e não encontrava a moça. Até que no terceiro dia de buscas chegou à casa de Valentina. Com a chegada do rapaz, a filha mais velha da madrastra, que só tinha interesse em riqueza, logo ficou animada, pensou em fingir ser uma pessoa com deficiência. A mais nova pensou o mesmo. Então a mãe disse:

— Digam que a bota é de vocês, pensem apenas que serão ricas e casarão com esse lindo rapaz, não tenham vergonha!

Quando o rapaz pediu para elas calçarem a bota, logo concluiu que elas estavam mentindo. Angustiado, perguntou se não havia mais alguma moça na casa. A madrastra apressou-se em responder que não, mas o pai, que estava no local, ouviu a conversa e disse que havia sua filha e que ela estava no quarto. Logo explicou:

— Ela é “especial” e não foi para a festa, tenho certeza que esta bota não é dela!

Mas Gael, interrompendo, disse:

— Todos nós somos especiais, senhor! Chame sua filha agora mesmo, preciso vê-la!

Naquele momento, o jovem encheu-se de esperança! Entendeu que o pai usava o termo “especial” para falar de alguém com defi-

ciência. Quando ela se aproximou, ele ficou com os olhos brilhando, cheios de amor, e disse:

— Querida, trouxe sua linda bota que você deixou cair! Saiba que de todas as jovens que conheci você é a mais perfeita. Não via a hora de reencontrá-la para dizer-lhe o quanto fui feliz em dançar com você na minha festa! Obrigado por ter ido!

Valentina sorriu, nem acreditou que aquilo estava acontecendo! Ficou maravilhada com as palavras e a atitude do rapaz que a tratou tão bem e carinhosamente! Agradeceu a gentileza. Ela nunca pensou que alguém poderia tratá-la daquele modo, pois, muitas vezes, a madrastra e suas filhas lhe diziam que nenhum rapaz gostaria de uma pessoa como ela.

Mas Gael apareceu e ela viu que era um rapaz que não tinha indiferença com as pessoas. A irmã dele, Deise, era deficiente visual e ele e sua família eram livres de preconceito; sempre respeitaram as limitações dela e ressaltavam suas potencialidades.

Deise morava na capital, trabalhava com educação inclusiva e estava concluindo o doutorado para voltar a sua cidade natal; junto com o irmão iria ajudar as pessoas com deficiência visual. Quando Valentina teve essa informação, lembrou-se da filha mais nova da madrastra, que, muitas vezes parecia não enxergar bem. Mesmo que tentasse esconder, Valentina percebia e tinha vontade de ajudar.

Os dias foram passando e muita aconteceu após o encontro de Gael e Valentina. Eles sempre voltavam a se encontrar e a se encantar pelos valores um do outro e por isso, resolveram namorar. Percebendo que o amor deles aumentava a cada dia e que juntos tinham muitos planos, decidiram se casar. Então, realizaram uma bela festa! Os noivos chegaram à cerimônia montados em um cavalo e foi o dia mais lindo de suas vidas!

Logo o casal foi morar na fazenda do rapaz e lá todos tinham enorme respeito e apreço pelos dois; nenhum deles a tratava com preconceito! Deise, irmã de Gael e recém-chegada da capital, também estava residindo no local. Mesmo passado o tempo, Valentina sempre lembrava de tudo que havia sofrido por causa do preconceito. E, depois de casada, ainda não tinha conseguido conversar sobre o assunto com a madrasta e suas filhas. Foi aí que teve uma conversa com sua cunhada e as duas compartilharam suas angústias e a vontade de ajudar mais pessoas com deficiência. Então Valentina teve uma brilhante ideia, e disse:

— Agora que tenho o apoio do meu marido e de minha cunhada, podemos trabalhar com pessoas com deficiência, combatendo o preconceito que atinge todos os deficientes visuais e físicos. Irei a todas as escolas da cidade, vou levar conhecimento a todas as pessoas! Meu esposo pode também auxiliar e minha cunhada vai ajudar com seus conhecimentos sobre educação inclusiva.

Então, Valentina, sua cunhada Deise e seu esposo Gael juntaram-se e começaram a dar palestras nas escolas. Sabendo da repercussão do movimento na cidade contra o preconceito, a madrasta, que era leiga no assunto, conseguiu se informar junto com as filhas sobre todos os potenciais e as limitações das pessoas com deficiência. Valentina conseguiu prestar assistência à filha mais nova da madrasta. Juntas, descobriram que a menina estava desenvolvendo baixa visão e precisava aprender a lidar com a doença e buscar o tratamento necessário.

Assim, todos viram que não é justo rebaixar ou tratar mal alguém por causa de sua condição física. As meninas ficaram muito envergonhadas por tudo que fizeram e resolveram também apoiar a causa e ajudar mais pessoas.

O pai de Valentina ficou muito feliz em saber que a filha estava realizando esta ação. Assim, toda aquela região ficou informada e livre de preconceito; as pessoas com deficiência muito se inspiraram e ficaram agradecidas por Valentina ter quebrado as correntes do preconceito e da falta de conhecimento naquela cidade. E foram felizes para sempre.

*(Baseado no conto “Cinderela”).*



# 14

## ORGANIZADORES



### **Suelem Maquiné Rodrigues**

Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutoranda em Ensino RENOEN (UFC), Mestre em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Possui especialização em Libras (Língua Brasileira de Sinais) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará, graduação em Letras Libras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do grupo de pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do grupo de Pesquisa Formação de professores, Política Educacional e Desigualdade Social (FORPED). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Ciências (GEPENCI). Membro do Projeto Lua IFCE - Campus Tianguá. Editora e Chefe de Redação da Revista Devas IFCE - Campus Tianguá.



### **Cynthia Pinheiro Santiago**

Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutoranda em Ensino RENOEN (IFCE), na área de Engenharias, com mestrado e graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora e pesquisadora nas áreas de Engenharia de Software e Ensino de Computação. Coordenadora de projetos de extensão para a inclusão de estudantes do gênero feminino em áreas de tecnologia, como o Projeto Lua, o Lua Academy e a Revista Devas, todos atualmente em andamento no IFCE - Campus Tianguá.



### **Francisco Florêncio Batista Júnior**

Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutor e Mestre em Física da Matéria Condensada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Formado em Eletrotécnica pelo IFCE, com estágio final na Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRÁS). Formado no curso de Histórias em Quadrinhos pelo Estúdio Daniel Brandão, em Fortaleza. Ilustrador de uma das histórias do livro

Capitão Rapadura 40 anos, lançado pela editora Armazém da Cultura, também de Fortaleza. Criador do quadrinho Bezo e da animação para o YouTube Tody, o Schnauzer.





Este livro foi composto em fonte IBM Plex Sans, impresso no formato  
15 x 21 cm em Off set 75g/m<sup>2</sup>, com 110 páginas e em e-book formato pdf.  
Novembro de 2023.



ISBN 978-658479206-7



9

786584

792067